

ANO 8 - NÚMERO 99 - JAN 2023

xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 30



O BRASIL VOLTOU:

VIVA O BRASIL! VIVA O POVO BRASILEIRO!

ESPERANÇA
A Educação voltou

p. 19

HOMENAGEM
Gratidão, Pelé!

p. 26

ESPERANÇA
O Meio Ambiente voltou

p. 40

p. 08

162 ANOS
CAIXA

#Somos Todos
Pessoal
da Caixa

A **Caixa** comemora **162**
anos com a tarefa de
resgatar o **papel social**
que sempre esteve em seu
DNA e assim estar presente
na retomada do **crescimento**
do Brasil. A **Fenae** estará lado
a lado dos **empregados da**
Caixa para essa reconstrução
e na **defesa do banco público**
justo e para **todos os brasileiros**.



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Conheça mais
sobre a atuação
da **FENAE**



“ **Lutamos por um país de paz, sem armas,
onde as mulheres não vivam com medo.
Esse é o Brasil da Esperança que queremos** ”

Janja Lula

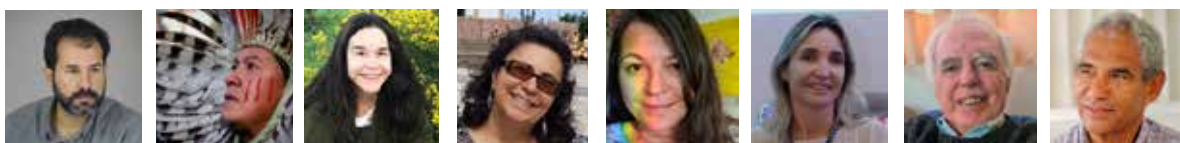
COLABORADORES/AS - NOVEMBRO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Bia de Lima – Pedagoga. Camilo Santana – Ministro de Estado. Cida Gonçalves – Ministra de Estado. Eduardo Pereira – Produtor Cultural. Emir Sader – Sociólogo. Flávio Dino – Ministro de Estado. Geraldo Varjabedian – Escritor. Iêda Leal – Professora. Ivone Silva – Jornalista. Janaina Faustino – Gestora Ambiental. José Bessa Freire – Professor. Joseph Weiss – Pesquisador. Leonardo Boff – Ecoteólogo. Lúcia Resende – Professora. Luiz Inácio Lula da Silva – Presidente da República. Márcio Santilli – Filósofo. Margareth Menezes – Ministra de Estado. Marina Silva – Ministra de Estado. Nisia Trindade – Ministra de Estado. Silvio Almeida – Ministro de Estado. Virginia Berriel – Jornalista. Wellington Dias – Ministro de Estado. Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

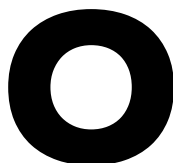
Jaime Sautchuk – Jornalista (*in memoriam*).

Zezé Weiss – Jornalista. Ailton Krenak – Escritor. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Ana Paula Sabino – Jornalista. Andréa Luisa Teixeira – Professora. Andrea Matos – Sindicalista. Ângela Mendes – Ambientalista. Antenor Pinheiro – Jornalista. Binho Marques – Professor. Cleiton Silva – Sindicalista. Edel Moraes – Ambientalista. Eduardo Meirelles – Jornalista. Elson Martins – Jornalista. Emir Bocchino – Arte finalista e Diagramador. Emir Sader – Sociólogo. Gomercindo Rodrigues – Advogado. Graça Fleury – Socióloga. Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra) – Poeta. Iêda Leal – Educadora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora (*in memoriam*). Iolanda Rocha – Professora. Jacy Afonso – Sindicalista. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista. José Ribamar Bessa Freire – Escritor. Júlia Feitoza Dias – Historiadora. Kleyton Moraes – Sindicalista. Kretã Kaingang – Líder Indígena. Lucélia Santos – Atriz. Lúcia Resende – Revisora. Maria Maia – Cineasta. Rosilene Corrêa Lima – Jornalista. Samuel Pinheiro Guimarães Neto – Diplomata. Trajano Jardim – Jornalista.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana – Sindicalista. Eduardo Pereira – Produtor Cultural. Janaina Faustino – Gestora Ambiental. Joseph Weiss – Economista.



Brasil voltou. E voltou bonito, com mais de 300 mil pessoas na Esplanada dos Ministérios celebrando a democracia na posse do Presidente Lula, neste 1º de janeiro.

Depois de ver o povo brasileiro literalmente subindo a rampa junto com Lu e Geraldo Alckmin, Janja, Lula e Resistência, na cerimônia de posse mais linda e emocionante da República brasileira, nesta nossa edição 99 optamos por registrar o sentimento de esperança, expresso nos discursos de posse dos ministros e ministras deste terceiro governo Lula, que se anuncia como de união e reconstrução.

Por limitação de espaço, não foi possível publicar todos os 37 discursos. Optamos por selecionar excertos das falas daqueles e daquelas áreas que se interconectam com nossa agenda socioambiental.

Todos eles, sem exceção, registram um diagnóstico essencial da barbárie herdada. Todos eles, sem exceção, apontam rumos e estabelecem compromissos para este Brasil que volta, esperançoso, a sonhar com dias melhores e mais felizes para o povo brasileiro.

E um detalhe, a maioria deles são verdadeiras peças literárias. Ministros e Ministras, de Camilo Santana com Paulo Freire a Nísia Trindade com Cecília Meireles e Guimarães Rosa, nos orgulham com citações de nossos mestres e mestras da educação, da literatura e da poesia.

O discurso antológico do Ministro Silvio Almeida, dos Direitos Humanos, o único aqui reproduzido na íntegra, (os demais estão disponíveis em www.gov.br) expressa, a nosso ver, a identidade forte e diversa deste nosso Brasil que, finalmente, voltou.

Boa leitura, bom proveito e até fevereiro, com nossa edição 100!



Zezé Weiss – Editora

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-V: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 - Setor Village - Caixa Postal 59 - CEP: 73.814.-500 - Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição - Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.



Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Parabéns, Xapuri, pelo trabalho!
Adelson Lopes – Atalaia – AL

Muito obrigada pelo envio da edição 98, com o Chico Mendes na capa. Tenho que assinar logo! Abraços.
Ana Lange – Porto Seguro – BA

Eu trabalhava no Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, CDDPH-MG, quando assassinaram o Chico Mendes. Nunca me esqueci de como foi brutal, inacreditável... Tínhamos caixas com telegramas da Anistia Internacional, denunciando as ameaças de assassinato, que finalmente foram cumpridas. Parabéns, Xapuri, por honrar a memória de Chico Mendes.
Vera Araújo – Brasília – DF



Revista Xapuri

Imagem do mês

@amaterasudf

Marque suas melhores fotos do
Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

08 **CAPA**
O Brasil voltou: Viva o Brasil!
Viva o povo brasileiro!

20 **CONSCIÊNCIA NEGRA**
Um menino preto sobe a rampa da Esperança

15 **ESPERANÇA**
Uma "pura vira-lata" sobe a rampa na festa da Democracia

21 **ESPERANÇA**
A Igualdade Racial voltou

18 **ESPERANÇA**
Alegria e Esperança tomam posse

22 **ESPERANÇA**
A Cultura voltou

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

24 **ESPERANÇA**
O Desenvolvimento Social voltou

25 **GASTRONOMIA**
Cardápio brasileiríssimo na posse do Lula

26 **HOMENAGEM**
Gratidão, Pelé!

28 **HISTÓRIA SOCIAL**
Na posse do Jabuti, cantando em tom maior

31 **ESPERANÇA**
Janja chegou

32 **ESPERANÇA**
Os Direitos Humanos estão de volta

37 **ESPERANÇA**
A Justiça voltou

40 **ESPERANÇA**
O Meio Ambiente voltou

42 **ESPERANÇA**
A Política Indígena chegou

46 **SUSTENTABILIDADE**
Da calamidade à esperança

48 **ESPERANÇA**
A Saúde voltou

49 **ESPERANÇA**
Nós, Mulheres, voltamos



Foto: Divulgação

O BRASIL VOLTOU:

VIVA O BRASIL! VIVA O POVO BRASILEIRO!

Luiz Inácio Lula da Silva

Quero começar fazendo uma saudação especial a cada um e a cada uma de vocês. Uma forma de lembrar e retribuir o carinho e a força que recebia todos os dias do povo brasileiro – representado pela Vigília Lula Livre –, num dos momentos mais difíceis da minha vida.

Hoje, neste que é um dos dias mais felizes da minha vida, a saudação que eu faço a vocês não poderia ser outra, tão singela e ao mesmo tempo tão cheia de significado: Boa tarde, povo brasileiro!

Minha gratidão a vocês, que enfrentaram a violência política antes, durante e depois da campanha eleitoral. Que ocuparam as redes sociais, e que tomaram as ruas, debaixo de sol e chuva, nem que fosse para conquistar um único e precioso voto.

Que tiveram a coragem de vestir a nossa camisa e, ao mesmo tempo, agitar a bandeira do Brasil – quando uma minoria violenta e antidemocrática tentava censurar nossas cores e se apropriar do verde-amarelo, que pertence a todo o povo brasileiro.

A vocês, que vieram de todos os cantos deste país – de perto ou de muito longe, de avião, de ônibus, de carro ou na boleia de caminhão. De moto, bicicleta e até mesmo a pé, numa verdadeira caravana da esperança, para esta festa da democracia.

Mas quero me dirigir também aos que optaram por outros candidatos. Vou governar para

os 215 milhões de brasileiros e brasileiras, e não apenas para quem votou em mim.

Vou governar para todas e todos, olhando para o nosso luminoso futuro em comum, e não pelo retrovisor de um passado de divisão e intolerância.

A ninguém interessa um país em permanente pé de guerra, ou uma família vivendo em desarmonia. É hora de reatarmos os laços com amigos e familiares, rompidos pelo discurso de ódio e pela disseminação de tantas mentiras.

O povo brasileiro rejeita a violência de uma pequena minoria radicalizada que se recusa a viver num regime democrático. Chega de ódio, fake news, armas e bombas. Nosso povo quer paz para trabalhar, estudar, cuidar da família e ser feliz.

A disputa eleitoral acabou. Repito o que disse no meu pronunciamento após a vitória em 30 de outubro, sobre a necessidade de unir o nosso país.

“Não existem dois brasis. Somos um único país, um único povo, uma grande nação”. Somos todos brasileiros e brasileiras e compartilhamos uma mesma virtude: nós não desistimos nunca.

Ainda que nos arranquem todas as flores, uma por uma, pétala por pétala, nós sabemos que é sempre tempo de replantio e que a primavera há de chegar. E a primavera chegou. Hoje, a alegria toma posse do Brasil, de braços dados com a esperança.

MINHAS QUERIDAS AMIGAS E MEUS AMIGOS,

Recentemente, reli o discurso da minha primeira posse na Presidência, em 2003. E o que li tornou ainda mais evidente o quanto o Brasil andou para trás.

Naquele 1º de janeiro de 2003, aqui nesta mesma praça, eu e meu querido vice José Alencar assumimos o compromisso de recuperar a dignidade e a autoestima do povo brasileiro – e recuperamos. De investir para melhorar as condições de vida de quem mais necessita – e investimos. De cuidar com muito carinho da saúde e da educação – e cuidamos.

Mas o principal compromisso que assumimos em 2003 foi o de lutar contra a desigualdade e a extrema pobreza, e garantir a cada pessoa deste país o direito de tomar café da manhã, almoçar e jantar todo santo dia – e nós cumprimos esse compromisso: acabamos com a fome e a miséria, e reduzimos fortemente a desigualdade.

Infelizmente hoje, 20 anos depois, voltamos a um passado que julgávamos enterrado. Muito do que fizemos foi desfeito de forma irresponsável e criminosa. A desigualdade e a extrema pobreza voltaram a crescer. A fome está de volta – e não por força do destino, não por obra da natureza, nem por vontade divina.

A volta da fome é um crime, o mais grave de todos, cometido contra o povo brasileiro. A fome



é filha da desigualdade, que é mãe dos grandes males que atrasam o desenvolvimento do Brasil. A desigualdade apequena este nosso país de dimensões continentais, ao dividi-lo em partes que não se reconhecem.

De um lado, uma pequena parcela da população que tudo tem. Do outro lado, uma multidão a quem tudo falta, e uma classe média que vem empobrecendo ano após ano. Juntos, somos fortes. Divididos, seremos sempre o país do futuro que nunca chega, e que vive em dívida permanente com o seu povo.

Se queremos construir hoje o nosso futuro, se queremos viver num país plenamente desenvolvido para todos e todas, não pode haver lugar para tanta desigualdade. O Brasil é grande, mas a real grande-

za de um país reside na felicidade de seu povo. E ninguém é feliz de fato em meio a tanta desigualdade.

MINHAS AMIGAS E MEUS AMIGOS,

Quando digo “governar”, eu quero dizer “cuidar”. Mais do que governar, vou cuidar com muito carinho deste país e do povo brasileiro. Nestes últimos anos, o Brasil voltou a ser um dos países mais desiguais do mundo. Há muito tempo não víamos tamanho abandono e desalento nas ruas.

Mães garimpando lixo, em busca do alimento para seus filhos. Famílias inteiras dormindo ao relento, enfrentando o frio, a chuva e o medo. Crianças vendendo bala ou pedindo es-

mola, quando deveriam estar na escola, vivendo plenamente a infância a que têm direito.

Trabalhadoras e trabalhadores desempregados exibindo, nos semáforos, cartazes de papelão com a frase que nos envergonha a todos: “Por favor, me ajuda”.

Fila na porta dos açougues, em busca de ossos para aliviar a fome. E, ao mesmo tempo, filas de espera para a compra de automóveis importados e jatinhos particulares.

Tamanho abismo social é um obstáculo à construção de uma sociedade verdadeiramente justa e democrática, e de uma economia próspera e moderna.

Por isso, eu e meu vice Geraldo Alckmin assumimos hoje, diante de vocês e de todo o povo brasileiro, o compromisso de

combater dia e noite todas as formas de desigualdade.

Desigualdade de renda, de gênero e de raça. Desigualdade no mercado de trabalho, na representação política, nas carreiras do Estado. Desigualdade no acesso a saúde, educação e demais serviços públicos.

Desigualdade entre a criança que frequenta a melhor escola particular e a criança que engraxa sapato na rodoviária, sem escola e sem futuro. Entre a criança feliz com o brinquedo que acabou de ganhar de presente e a criança que chora de fome na noite de Natal.

Desigualdade entre quem joga comida fora e quem só se alimenta das sobras. É inadmissível que os 5% mais ricos deste país detenham a mesma fatia de renda que os demais 95%.

Que seis bilionários brasileiros tenham uma riqueza equivalente ao patrimônio dos 100 milhões mais pobres do país.

Que um trabalhador ou trabalhadora que ganha um salário mínimo mensal leve 19 anos para receber o equivalente ao que um super rico recebe em um único mês.

E não adianta subir o vidro do automóvel de luxo, para não ver nossos irmãos que se amontoam debaixo dos viadutos, carentes de tudo – a realidade salta aos olhos em cada esquina.

MINHAS AMIGAS E MEUS AMIGOS,

É inaceitável que continuemos a conviver com o preconceito, a discriminação e o racismo. Somos um povo de muitas cores, e todas devem ter os mesmos direitos e oportunidades.

Ninguém será cidadão ou cidadã de segunda classe, ninguém terá mais ou menos amparo do Estado, ninguém será obrigado a enfrentar mais ou menos obstáculos apenas pela cor de sua pele.

Por isso estamos recriando o Ministério da Igualdade Racial, para enterrar a trágica herança do nosso passado escravista.

Os povos indígenas precisam ter suas terras demarcadas e livres das ameaças das atividades econômicas ilegais e predatórias. Precisam ter sua cultura preservada, sua dignidade respeitada e sua sustentabilidade garantida.

Eles não são obstáculos ao desenvolvimento – são guardiões de nossos rios e florestas, e parte fundamental da nossa grandeza enquanto nação. Por isso estamos criando o Ministério dos Povos Indígenas, para combater 500 anos de desigualdade.

Não podemos continuar a conviver com a odiosa opressão imposta às mulheres, submetidas diariamente à violência nas ruas e dentro de suas próprias casas.

É inadmissível que continuem a receber salários inferiores ao dos homens, quando no exercício de uma mesma função. Elas precisam conquistar cada vez mais espaço nas instâncias decisórias deste país – na política, na economia, em todas as áreas estratégicas.

As mulheres devem ser o que elas quiserem ser, devem estar onde quiserem estar. Por isso, estamos trazendo de volta o Ministério das Mulheres.

Foi para combater a desigualdade e suas sequelas que nós vencemos a eleição. E esta será a grande marca do nosso governo.

Dessa luta fundamental surgirá um país transformado. Um país grande, próspero, forte e justo. Um



Foto: Divulgação / Tânia Rego/ Agência Brasil



país de todos, por todos e para todos. Um país generoso e solidário, que não deixará ninguém para trás.

MINHAS QUERIDAS COMPANHEIRAS E MEUS QUERIDOS COMPANHEIROS,

Reassumo o compromisso de cuidar de todos os brasileiros e brasileiras, sobretudo daqueles que mais necessitam. De acabar outra vez com a fome neste país. De tirar o pobre da fila do osso para colocá-lo novamente no Orçamento.

Temos um imenso legado, ainda vivo na memória de cada brasileiro e cada brasileira, beneficiário ou não das políticas públicas que fizeram uma revolução neste país.

Mas não nos interessa viver do passado. Por isso, longe de qualquer saudosismo, nosso legado será sempre o espelho do futuro que vamos construir para este país.

Em nossos governos, o Brasil conciliou crescimento econômico recorde com a maior inclusão social da história. E se tornou a sexta maior economia do mundo, ao mesmo tempo em que 36 milhões de brasileiras e brasileiros saíram da extrema pobreza.

Geramos mais de 20 milhões de empregos com carteira assinada e todos os direitos assegurados.

Reajustamos o salário mínimo sempre acima de inflação.

Batemos recorde de investimentos em educação – da creche à universidade –, para fazer do Brasil um exportador também de inteligência e conhecimento, e não apenas de commodities e matéria-prima.

Nós mais que dobramos o número de estudantes no ensino superior, e abrimos as portas das universidades para a juventude pobre deste país. Jovens brancos, negros e indígenas, para quem o diploma universitário era um sonho inalcançável, tornaram-se doutores.

Combateamos um dos grandes focos de desigualdade – o acesso à saúde. Porque o direito à vida não pode ser refém da quantidade de dinheiro que se tem no banco.

Fizemos o Farmácia Popular, que forneceu medicamentos a quem mais precisava, e o Mais Médicos, que levou atendimento a cerca de 60 milhões de brasileiros e brasileiras, nas periferias das grandes cidades e nos pontos mais remotos do Brasil.

Criamos o Brasil Sorridente, para cuidar da saúde bucal de todos os brasileiros e brasileiras.

Fortalecemos o nosso Sistema Único de Saúde. E quero aprovei-

tar para fazer um agradecimento especial aos profissionais do SUS, pela grandiosidade do trabalho durante a pandemia. Enfrentaram bravamente, ao mesmo tempo, um vírus letal e um governo irresponsável e desumano.

Nos nossos governos, investimos na agricultura familiar e nos pequenos e médios agricultores, responsáveis por 70% dos alimentos que chegam à nossa mesa. E fizemos isso sem descuidar do agronegócio, que obteve investimentos e safras recordes, ano após ano.

Tomamos medidas concretas para conter as mudanças climáticas, e reduzimos o desmatamento da Amazônia em mais de 80%.

O Brasil consolidou-se como referência mundial no combate à desigualdade e à fome, e passou a ser internacionalmente respeitado, pela sua política externa ativa e altiva.

Fomos capazes de realizar tudo isso cuidando com total responsabilidade das finanças do país. Nunca fomos irresponsáveis com o dinheiro público.

Fizemos superávit fiscal todos os anos, eliminamos a dívida externa, acumulamos reservas de cerca de 370 bilhões de dólares e reduzimos a dívida interna

a quase metade do que era anteriormente.

Nos nossos governos, nunca houve nem haverá ganância alguma. Sempre investimos, e voltaremos a investir, em nosso bem mais precioso: o povo brasileiro.

Infelizmente, muito do que construímos em 13 anos foi destruído em menos da metade desse tempo. Primeiro, pelo golpe de 2016 contra a presidenta Dilma. E, na sequência, pelos quatro anos de um governo de destruição nacional cujo legado a História jamais perdoará:

- ✓ 700 mil brasileiros e brasileiras mortos pela Covid.
- ✓ 125 milhões sofrendo algum grau de insegurança alimentar, de moderada a muito grave.
- ✓ 33 milhões passando fome.

Estes são apenas alguns números. Que na verdade não são apenas números, estatísticas, indicadores – são pessoas. Homens, mulheres e crianças, vítimas de um desgoverno afinal derrotado pelo povo, no histórico 30 de outubro de 2022.

Os Grupos Técnicos do Gabinete de Transição, que por dois meses mergulharam nas entranhas do governo anterior, trouxeram a público a real dimensão da tragédia.

O que o povo brasileiro sofreu nestes últimos anos foi a lenta e progressiva construção de um genocídio.

Quero citar, a título de exemplo, um pequeno trecho das 100 páginas desse verdadeiro relatório do caos produzido pelo Gabinete de Transição. Diz o relatório:

“O Brasil bateu recordes de feminicídios, as políticas de igualdade racial sofreram severos retrocessos, produziu-se um desmonte das políticas de juventude, e os direitos indígenas nunca foram tão ultrajados na história recente do país.

Os livros didáticos que deverão ser usados no ano letivo de 2023 ainda não começaram a ser editados; faltam remédios no Farmácia Popular; não há estoques de vacinas para o enfrentamento das novas variantes da COVID-19.

Faltam recursos para a compra de merenda escolar; as universidades corriam o risco de não concluir o ano letivo; não existem recursos para a Defesa Civil e a prevenção de acidentes e desastres. Quem está pagando a conta deste apagão é o povo brasileiro.”

MEUS AMIGOS E MINHAS AMIGAS,

Nesses últimos anos, vivemos, sem dúvida, um dos piores perío-

dos da nossa história. Uma era de sombras, de incertezas e de muito sofrimento. Mas esse pesadelo chegou ao fim, pelo voto soberano, na eleição mais importante desde a redemocratização do país.

Uma eleição que demonstrou o compromisso do povo brasileiro com a democracia e suas instituições.

Essa extraordinária vitória da democracia nos obriga a olhar para a frente e a esquecer nossas diferenças, que são muito menores que aquilo que nos une para sempre: o amor pelo Brasil e a fé inquebrantável em nosso povo.

Agora, é hora de reacendermos a chama da esperança, da solidariedade e do amor ao próximo.

Agora é hora de voltar a cuidar do Brasil e do povo brasileiro. Gerar empregos, reajustar o salário mínimo acima da inflação, baratear o preço dos alimentos.

Criar ainda mais vagas nas universidades, investir fortemente na saúde, na educação, na ciência e na cultura.

Retomar as obras de infraestrutura e do Minha Casa Minha Vida, abandonadas pelo descalço do governo que se foi.

É hora de trazer investimentos e reindustrializar o Brasil. Combater outra vez as mudanças climáticas e acabar de uma vez por todas com





a devastação de nossos biomas, sobretudo a Amazônia.

Romper com o isolamento internacional e voltar a se relacionar com todos os países do mundo.

Não é hora para ressentimentos estéreis. Agora é hora de o Brasil olhar para a frente e voltar a sorrir.

Vamos virar essa página e escrever, em conjunto, um novo e decisivo capítulo da nossa história.

Nosso desafio comum é o da criação de um país justo, inclusivo, sustentável, criativo, democrático e soberano, para todos os brasileiros e brasileiras.

Fiz questão de dizer ao longo de toda a campanha: o Brasil tem jeito. E volto a dizer com toda convicção, mesmo diante do quadro de destruição revelado pelo Gabinete de Transição: o Brasil tem jeito. Depende de nós, de todos nós.

Em meus quatro anos de mandato, vamos trabalhar todos os dias para o Brasil vencer o atraso de mais de 350 anos de escravidão. Para recuperar o tempo e as oportunidades perdidas nesses últimos anos. Para reconquistar seu lugar de destaque no mundo.

E para que cada brasileiro e cada brasileira tenha o direito de voltar a sonhar, e as oportunidades para realizar aquilo que sonha.

Precisamos, todos juntos, reconstruir e transformar o Brasil.

Mas só reconstruiremos e transformaremos de fato este país se lutarmos com todas as forças contra tudo aquilo que o torna tão desigual.

Essa tarefa não pode ser de apenas um presidente ou mesmo de um governo. É urgente e necessária a formação de uma frente ampla contra a desigualdade, que envolva a sociedade como um todo: trabalhadores, empresários, artistas, intelectuais, governadores, prefeitos, deputados, senadores, sindicatos, movimentos sociais, associações de classe, servidores públicos, profissionais liberais, líderes religiosos, cidadãos e cidadãs comuns.

É tempo de união e reconstrução.

Por isso, faço este chamado a todos os brasileiros e brasileiras que desejam um Brasil mais justo, solidário e democrático: juntem-se a nós

num grande mutirão contra a desigualdade.

Quero terminar pedindo a cada um e a cada uma de vocês: que a alegria de hoje seja a matéria-prima da luta de amanhã e de todos os dias que virão. Que a esperança de hoje fermente o pão que há de ser repartido entre todos.

E que estejamos sempre prontos a reagir, em paz e em ordem, a quaisquer ataques de extremistas que queiram sabotar e destruir a nossa democracia.

Na luta pelo bem do Brasil, usaremos as armas que nossos adversários mais temem: a verdade, que se sobrepôs à mentira; a esperança, que venceu o medo; e o amor, que derrotou o ódio.

Viva o Brasil! E viva o povo brasileiro!



Luiz Inácio Lula da Silva
- Presidente da República Federativa do Brasil. Discurso de posse no Palácio do Planalto, na tarde do dia 1º de janeiro de 2023.

UMA “PURA VIRA-LATA” SOBE A RAMPA NA FESTA DA DEMOCRACIA

— Zezé Weiss

Vibrante e dócil, lá estava Resistência, segundo Janja “uma pura vira-lata”, subindo a rampa do Planalto na festa da democracia. Cuidada por Janja e, por um breve tempo, pelo próprio Presidente da República, a cachorrinha da Vigília Lula Livre foi, a seu modo, mais uma linda estrela no momento mais emocionante da posse de Lula.

Adotada por Janja e Lula, Resistência Lula da Silva ganhou o coração de Janja quando, nos tempos difíceis da prisão de Lula, tornou-se afeto comunitário e companhia coletiva do pessoal que, de abril de 2018 a novembro de 2019, fez compa-

nhia ao Presidente em frente à Polícia Federal, onde, por 580 dias, Lula ficou preso na capital do Paraná. Devia ter uns dois meses de vida, a Resistência.

Em entrevistas recentes, Janja conta como começou sua história de amor com Resistência: “Ela ficou alguns meses na Vigília, mas, como era muito frio em Curitiba, ela ficou doentinha, e eu falei: ‘Vamos lá, Resistência, você vai pra minha casa’. contei isso por carta pra ele [Lula]: ‘Olha só, temos uma filha nova’. E aí o pessoal da Vigília sempre falou: ‘A Resistência ainda vai subir a rampa do Planalto’”.

Pois não é que aquela filhotinha SRD (sem raça definida) de pelagem preta (hoje mais para o cinza escuro), com manchas brancas no peito e nas patas, que ganhou de Janja não somente tratamento médico, vacinas em dia, banhos regulares no pet shop, mas também estrelas vermelhas nos cabelos, conforme Janja “para que não haja dúvidas de que é petista”, subiu a rampa do Planalto?



Zezé Weiss - Jornalista
Socioambiental.



Foto: Divulgação/ Igo Estrela/Metrópoles)

MULHERES À FRENTE DE BANCOS PÚBLICOS REPRESENTAM AVANÇOS EM CONQUISTAS HISTÓRICAS

Ivone Silva

Após luta histórica dos trabalhadores para estabelecer a igualdade de oportunidades na categoria bancária, tivemos boas notícias nos últimos dias: a indicação de duas mulheres para o comando do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, Tarciana Medeiros e Maria Rita Serrano, respectivamente.

Tarciana será a primeira mulher a assumir a presidência do Banco do Brasil, e trabalha na diretoria de clientes desde 2021. E Rita Serrano, que irá assumir a presidência da Caixa, atua como conselheira eleita pelos empregados do conselho de administração desde 2014.

A atuação dos bancos públicos é fundamental para combater a crise econômica, a volta da inflação e os índices recordes de endividamento. É urgente estabelecer o protagonismo dos bancos públicos na concessão de crédito e a liberação de depósitos compulsórios com garantia de aplicação em áreas prioritárias. Sabemos que são um importante instrumento de política econômica e de promoção ao desenvolvimento econômico e social.

Ter duas mulheres à frente dessas entidades nos reforça também nossa luta no combate ao preconceito. Na categoria bancária, as mulheres ocupam 49% do total de postos de trabalho e recebem, em média, salários 23% menores que os dos homens. Essa realidade é ainda mais injusta quando se observa que as mulheres bancárias têm escolaridade maior que a dos bancários. 78% das bancárias têm nível superior completo, enquanto entre os homens esse percentual cai para 73%.

Em seus Relatórios Anuais de Sustentabilidade, os bancos apresentam algumas informações que ilustram a desigualdade com a qual as mulheres são tratadas nestas instituições. Essa desigualdade também inclui os trabalhadores negros. De acordo com dados do censo da categoria bancária, as pessoas pretas nos bancos são apenas 3,4% e as pardas apenas 21,3%. Em relação à remuneração, as mulheres negras nos bancos recebem o equivalente a apenas 58% do que recebem os homens brancos.

Dentre os cargos de liderança na categoria bancária os homens brancos ocupam 40,8% destes, enquanto as mulheres brancas ocupam 36,5%. A participação dos negros em cargos de liderança não chega a 20%. Na categoria bancária são 156 mil pessoas com deficiência (3,4% da categoria).

Teremos muitos desafios nos próximos anos. O percentual de famílias endividadas é recorde, alcançando 79% do total de famílias. Cerca de 30% possuem dívidas em atraso, ou seja, são inadimplentes, e mais de 10% afirmam que não terão como pagar. São recursos drenados do bolso da classe trabalhadora, do caixa das empresas e do fundo público diretamente para engordar o lucro do sistema financeiro.

No governo Lula, a participação do crédito público no crédito total chegou a 37%, o que beneficiou o pequeno produtor rural e as famílias mais pobres. Nos últimos anos, o crédito concedido pelos bancos públicos têm caído e chega a cerca de 29%. A atuação do Banco do Brasil, que

Foto: Ricardo Stuckert



mesmo sendo líder em muitas frentes, tem diminuído por anos seguidos sua fatia no mercado. No crédito agrícola, a redução da participação entre 2016 e 2021 foi de 60% para 54%; no mesmo período, o Pronaf, crédito destinado a pequenos produtores, teve redução de 32% (quando se considera valor atualizado das carteiras em cada período); 26% das agências foram fechadas, de 5.440 para 3.986 no mesmo período; os funcionários foram reduzidos em 14%, ou 14.200 postos de trabalho.

É urgente que alternativas para a saída da crise sejam construídas e que passem pela retomada da expansão do crédito para setores prioritários como moradia popular, agricultura familiar, pequenas e médias empresas etc.

Tais medidas contribuiriam ao mesmo tempo para fortalecer a economia, gerar empregos em setores intensivos em mão de obra, dinamizar o mercado interno e amenizar graves problemas sociais do Brasil como o déficit de moradias, a falta de

acesso a terra e também a alta dos preços dos alimentos.



Ivone Silva – Jornalista, em <https://spbancarios.com.br>



ALEGRIA E ESPERANÇA TOMAM POSSE

Virginia Berriel

Vinte anos depois, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tomou posse para o seu terceiro mandato. Um filme passou na cabeça e no coração do mar de gente que ocupou toda a Esplanada. Era preciso estar ali, ver, sentir, emocionar... fazer parte da história de esperança e reconstrução.

Ali, na Esplanada, ora acompanhando o cortejo da banda que tocava, levados e contagiados pela alegria, dançando e vibrando como no Carnaval; ora debaixo de uma árvore, dividindo sombra, água e alimentos com várias pessoas como num piquenique de família; ou ainda na frente do telão do palco principal – sentados, deitados no gramado, irmanados em emoção, por várias vezes choramos. Chorei.

Lembramos, lembrei aquela alegria devastadora de 2003 quando Lula tomou posse para o seu primeiro mandato. Tantas mudanças, avanços, políticas públicas importantes foram implementadas e transformaram a vida do povo brasileiro e do Brasil. As políticas de inclusão e de combate à fome passaram a ser reconhecidas e respeitadas mundialmente.

A alegria também tomou posse para o terceiro mandato. O grito que estava parado foi solto, a dor foi arrancada, a tristeza deixada para trás, o abraço longo foi dado, o beijo e os soluços de um choro de emoção, de felicidade, de leveza, foram exalados.

No mar vermelho de gente feliz, uma nova história foi e será contada daqui para a frente, pelos próximos quatro anos. Ainda sob o sangue deramado, dor, perda e muitas lágrimas,

vividas todos os dias desde o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, depois pela prisão do presidente Lula e a eleição forjada em fake news que elegeu o bolsonarista genocida.

A barbárie imposta pelo pior presidente do Brasil vai se dissipar através da alegria e da esperança. O povo brasileiro, diverso e plural, indígena e quilombola, preto, pardo, amarelo, branco, pobre, periférico e favelado; as mulheres, meninas, os LGBTQIA+, as pessoas com deficiência e a liberdade subiram a rampa do Palácio do Planalto. Subiram imbuídos da esperança da pactuação do bem, da revogação e reconstrução do país.

Gente por todos os lados e cantos, que veio de todas as partes do Brasil – de avião, de ônibus, de carro, de bicicleta, a pé. Chefes de 21 Estados e delegações de 54 países e União Europeia.

Ao todo, Lula recebeu mais de 120 autoridades internacionais.

O presidente Lula voltou para acabar de novo com a fome, cuidar dos trabalhadores e trabalhadoras, combater as desigualdades, os preconceitos, desarmar o povo e reconstruir o Brasil com livros, educação, cultura e sabedoria.

Lula vai governar para todos. Somos um só país, uma só gente, mas muito diversa. Alegria, esperança e os invisibilizados subiram a rampa com o presidente para entregar a faixa presidencial, que passou de mão em mão – do atleta para o professor, metalúrgico, influencer PcD, líder indígena, a cozinheira, o menino negro e o artesão,

até chegar na mão de Aline Sousa, catadora de materiais recicláveis, que a colocou em Lula. Sem dúvida, aquele foi o momento mais lindo, diverso, inclusivo e humano que já vimos. Só um presidente do povo, forjado na luta, resistência e sensibilidade pode nos dar este presente. Fomos às lágrimas!

O presidente que conseguiu unificar, através da frente ampla, os partidos de esquerda, centro e até de direita para vencer o ódio, a mentira e barbárie. Agora, devidamente empossado para o terceiro mandato, já está trabalhando muito. Revogou normas, decretos e começou a cumprir promessas de campanha.

Voltamos de Brasília leves, felizes e marcados pelas imagens da posse que correram o mundo, foram capas de todos os jornais. O sentimento de liberdade e as imagens estão impregnadas e vivas na memória e em nossa história. O Brasil volta para o centro do mundo, recupera respeito e dignidade para seu povo através do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Viva o povo brasileiro!

Viva o presidente Lula!

Viva a Democracia que se fortalecerá.



Virginia Berriel – Jornalista. Executiva Nacional da CUT. Direção do Sintel Rio, Direção do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro. Membro do MHuD Movimento Humanos Direitos. Conselheira do CNDH Conselho Nacional dos Direitos Humanos.





A EDUCAÇÃO VOLTOU

Camilo Santana

Vivemos recentemente tempos muito sombrios, em que o Brasil foi violentamente negligenciado nas suas mais importantes áreas, e a educação, sem dúvida, foi uma das mais atingidas (...).

A educação foi tratada como subproduto, ainda mais na pandemia, quando mais precisou de apoio do governo federal e mais foi esquecida (...).

Mais de 650 mil crianças de até 5 anos de idade abandonaram a escola nos últimos três anos. No mesmo período, cresceu 66% o número de crianças de 6 e 7 anos que não sabem ler nem escrever na idade certa. A última avaliação feita pelo Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) mostra que apenas uma a cada três crianças é alfabetizada na idade certa. Ou seja, a maioria é analfabeta dentro da própria escola, o que provoca graves repercussões na sequência da vida dessas crianças (...).

Vamos imediatamente garantir a qualidade da merenda escolar nas escolas públicas brasileiras. Essa é uma determinação do presidente Lula. E já pedi um levantamento de todas as obras que estão paralisadas, sejam creches, escolas, universidades, campi. Para garantir a retomada imediata dessas obras tão importantes para os jovens e as crianças desse país. Vamos resgatar também a credibilidade do Enem (...).

Encerro [este discurso de posse] com uma frase de Paulo Freire, que inspirou tantas e tantos educadores nesse país: "ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão".

Muito obrigado, e vamos ao trabalho.

COMPROMISSOS DO MINISTRO CAMILO SANTANA COM A EDUCAÇÃO:

- ✓ Priorizar a alfabetização na idade certa.
- ✓ Garantir mais escolas em tempo integral.
- ✓ Recuperar a qualidade da merenda escolar.
- ✓ Retomar a construção das creches e escolas que estão paradas pela falta de repasses de recursos pelo governo federal.
- ✓ Recuperar a credibilidade do Enem.
- ✓ Retomar o Fies (Fundo de Financiamento Estudantil) e o ProUni (Programa Universidade para Todos).
- ✓ Garantir mais autonomia para as Universidades.
- ✓ Investir mais recursos em Ciência e Tecnologia.
- ✓ Negociar mais recursos no orçamento nacional para a Educação.



Camilo Santana – Engenheiro agrônomo, professor, Ministro da Educação. Excertos do seu discurso na cerimônia de posse como Ministro de Estado, em 2 de janeiro de 2023, editado por limitações de espaço. Confira o texto na íntegra em: <https://www.gov.br/>



UM MENINO PRETO SOBE A RAMPA DA ESPERANÇA

Iêda Leal

Coube a Francisco Carlos do Nascimento e Silva, 10 anos, morador de Itaquera, na zona leste de São Paulo, nadador e torcedor do Corinthians, time do Presidente Lula, ser a única criança no grupo de representantes do povo brasileiro na entrega da faixa presidencial a Luiz Inácio Lula da Silva, depois de subir a rampa do Palácio do Planalto, em Brasília, no histórico dia 1º de janeiro de 2023.

"Eu sabia que estava representando todas as crianças, as crianças pretas, o esporte, principalmente a natação, o Corinthians, a natação do Corinthians. Para mim foi muito especial. Representei as crianças negras que têm sonhos para realizar e que têm objetivos grandes", disse o menino Francisco, filho de uma assistente social negra e de um advogado negro, em entrevista à CNN.

Embora só tenha conversado com Lula pela primeira vez em dezembro de 2022, durante o Natal dos Catadores, organizado pela Associação Nacional dos Catadores, em São Paulo, Francisco conta que, no tempo da prisão de Lula, escreveu uma cartinha ao Presidente, dizendo que as crianças acreditavam em sua inocência e que viajou uma vez a Curitiba para dizer "Bom Dia, Presidente Lula".

Também participaram da entrega da faixa ao Presidente Lula: Aline Sousa, catadora; Flávio Pereira, professor; Ivan Pereira, influencer PcD; Jucimara Fausto, cozinheira; Murilo Jesus, professor; Raoni Metuktire, grande líder e cacique indígena; e Wesley Rocha, metalúrgico. Francisco é o único que, até o momento, expressou o sonho de ser, uma dia, Presidente do Brasil. Viva o sonho de Francisco!



Iêda Leal - Secretária de Combate ao Racismo da CNTE; Secretária de Comunicação da CUT-GO; Tesoureira do SINTEGO; Coordenadora Nacional do Movimento Negro Brasileiro.





A IGUALDADE RACIAL VOLTOU

Zezé Weiss

Aos 37 anos, Anielle Franco, educadora, jornalista, escritora, feminista preta, mãe de meninas, doutoranda, diretora do Instituto Marielle Franco e “irmã de Marielle”, conforme definição dela própria em seu perfil no Twitter, agora Ministra da Igualdade Racial, nomeada pelo Presidente em 1º de janeiro de 2023, o primeiro dia do governo da União e da Reconstrução.

Militante da linha de frente da luta por justiça e igualdade social, especialmente na defesa das mulheres pretas e periféricas, essa mulher que, em homenagem às suas raízes comunitárias, com frequência se apresenta como “cria da Maré”, que é o conjunto de comunidades da zona norte do Rio de Janeiro, onde nasceu, no ano de 1985, e se criou.

“Chego com o legado de Marielle e com a trajetória das mulheres negras. Isso mostra que somos muito maiores que qualquer discurso de ódio, desinformação e violências. Também é importante que nós, mulheres e pessoas negras, estejamos em todos os espaços de decisão de forma transversal. Somos qualificadas para estarmos em todos os ministérios e secretarias. Vamos construir o Brasil do futuro, da esperança para todas, todes e todos”.

Atleta do vôlei, a jovem preta da Maré, irmã de Marielle Franco, vereadora covarde e cruelmente assassinada em 14 de março de 2018, junto com seu motorista Anderson Gomes, estudou nos Estados Unidos, com bolsas esportivas, onde se formou em jornalismo pela Universidade da Carolina do Norte, uma das grandes universidades

consideradas historicamente negras nos Estados Unidos.

Fundadora do Instituto Marielle Franco, para defender o legado da irmã militante, como presidenta do Instituto Anielle lançou a Plataforma Antirracista nas Eleições.

Convidada a participar da equipe de transição do Governo Lula, Anielle torna-se a capitã da esperança na luta pela igualdade racial em nosso país. Não por acaso, seu primeiro decreto coloca Antonieta de Barros, nossa primeira deputada negra, no Panteão de Heróis e Heroínas da Pátria brasileira.



Zezé Weiss - Jornalista. O discurso de posse da Ministra Anielle Franco não pôde ser reproduzido aqui porque ocorreu em 9 de janeiro, data posterior ao fechamento desta edição.

GOVERNO FEDERAL

Foto: Ricardo Stuckert



A CULTURA VOLTOU

— Margareth Menezes

***Manda chamar os índios, manda chamar os negros,
manda chamar os brancos, mandar chamar meu povo,
para o rei Brasil renascer, renascer de novo.***

José Carlos Capinan e Roberto Mendes –
versos da canção “Chamamento”, citados pela ministra
Margareth Menezes em seu discurso de posse.

Eu, Margareth Menezes da Purificação, sou cidadã brasileira de raízes afro e indígena, criança nascida na periferia de Salvador, na península de Itapagipe, no estado da Bahia, do Nordeste brasileiro.

Damos início à desafiadora função de refundar o Ministério da Cultura. Nós merecemos o nosso ministério. O Brasil tem uma das mais ricas, potentes e respeitadas forças de produção cultural do mundo (...).

Voltou o MinC para o lugar de onde nunca deveria ter saído, ou seja, do seu lugar na Esplanada e da relevância no imaginário do povo brasileiro. Está mais forte,

com mais recursos e estruturas do que qualquer outro momento de sua história (...). Que o nosso Minc nunca mais desapareça.

Eu [sei que] a cultura incomoda, a cultura mexe, a cultura desobedece, e floresce, e por isso ela é também expressão democrática e de direitos. Dentro dela, a arte oxigena porque revolve camadas profundas do nosso viver e do nosso ser. Cultura e arte são ferramentas de transformação constante. Quanto mais tentam freá-las, mais revolucionárias serão (...).

A cultura é base primordial para a educação (...), é fator de desenvolvimento econômico e

social, de inclusão e cidadania, mas, acima de tudo, qualifica e conscientiza uma ideia profunda de democracia.

É hora de darmos as mãos, reatarmos laços possíveis e superarmos as desavenças para realizarmos uma empreitada. É preciso ter coragem de construir o novo.



Margareth Menezes – Cantora e compositora. Ministra da Cultura. Excertos do seu discurso na cerimônia de posse como Ministra de Estado, em 2 de janeiro de 2023, editado por limitações de espaço. Confira o texto na íntegra em: <https://www.gov.br/>

O DESENVOLVIMENTO SOCIAL VOLTOU

Wellington Dias

Abriremos já neste primeiro momento a atualização do cadastro único [do Bolsa Família] para mais segurança e eficiência (...).

Vamos colocar na prioridade uma busca ativa em cada canto do Brasil para que a gente possa trazer para o cadastro as pessoas que têm o direito e não tiveram a oportunidade de receber o direito (...)

Nada de pente fino. Pente fino era para tirar piolho do cabelo. É política pública bem-feita que

vamos fazer. É retomar a integração com estados, municípios e todos os parceiros (...).

Vamos dar oportunidade de quem não preenche os requisitos de, voluntariamente, já pedir desligamento do programa [Bolsa Família]. Pois somente vamos pagar os benefícios para quem, legalmente, por critérios sociais, tem esse direito.

[Vamos] colocar o povo no orçamento e de forma prioritária colocar os pobres no orçamento.

Não deixar ninguém para trás, dar a mão a quem precisa e ninguém largar a mão de ninguém. Sei que essas duas frases foram muito repetidas durante a campanha, mas é um compromisso.



Wellington Dias - Bancário, escritor, ex-governador do Piauí, Ministro do Desenvolvimento Social. Excertos do seu discurso na cerimônia de posse como Ministro de Estado, em 2 de janeiro de 2023, editado por limitações de espaço. Confira o texto na íntegra em: <https://www.gov.br/>



CARDÁPIO BRASILEIRÍSSIMO NA POSSE DE LULA

Lúcia Resende

Com pratos assinados por chefes das mais variadas regiões do Brasil, como a casquinha de castanha com farofa de licuri da baiana Nara Amaral e o famoso bolinho de feijoada da carioca Kathia Barbosa, o cardápio do jantar da posse do Lula, na noite do dia 1º de janeiro de 2023, optou por valorizar a diversidade da culinária brasileira.

Lá estavam o pudim de tabuleiro de tapioca de Ieda Matos, os churros de tapioca com vatapá de Morena Leite, o acarajé da Casa de Mainha, o arroz de carreteiro com ovo do mato-grossense Paulo Machado, o bolinho de piracuí, de Saulo Jennings e, expressão máxima de brasilidade, o Ho'o xanena xupu (uma espécie moqueca de mandioca com peixe), também conhecido como Aldeia do Bananal, de Kalymaracaya Nogueira, chefe de cozinha pós-graduada em História e Cultura Indígena e Afro-Brasileira.

Quanto aos drinques, o sucesso maior ficou por conta do coquetel de cor azulada, feito com gin tônica e flor de clitória, que leva este nome por sua semelhança com a genitália feminina, assinado por Bela Gil.



Lúcia Resende - Professora,
Conselheira da Revista Xapuri.



**Recepção oferecida pelos Excelentíssimos
Senhor Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente da República, e
Senhora Janja Lula da Silva**

Brasília, 1º de janeiro de 2023

MENU

PRESENCAS ESPECIAIS

Kátia Barbosa: Bolinho de feijoada
Nara Amaral: Casquinha de castanha com farofa de licuri
Casa de Mainha: Acarajé
Ieda de Matos: Pudim de tabuleiro de tapioca
Bela Gil: Gin tônica com flor de clitória

PARTICIPAÇÕES

Kalymaracaya Nogueira: Ho'o xanena xupu (Moqueca de mandioca com peixe)
Morena Leite: Churros de tapioca com vatapá
Paulo Machado: Arroz carreteiro com ovo e PANCs
Saulo Jennings: Bolinho de piracuí

CANAPÉS

Saladinha de bacalhau com rúcula e manga
Mini ratatouille na barquete de espinafre
Torradas com creme de queijo ao lemon pepper e camarão
Crispy de carne de sol nas natas sobre torradinha
Queijo coalho com banana assada e melão de cana
Coxinha de pato com molho de laranja
Bolinha de queijo
Pastel de carne seca acebolada
Bolinha de bacalhau
Croquete de carne com mostarda escura
Cestinhas recheadas com bobó de camarão
Tapioca com queijo Canastra
Caldinho de feijão

ILHAS

Polenta com ragu de rabada e agrião
Frango ao molho de côco
Moqueca de robalo com farofa de castanha do Pará
Macarrão gravatinha ao molho de tomate com maxixe salteado,
abobrinha e ora pro nobis

SOBREMESAS

Brigadeiro
Flor de coco
Mousse de cupuaçu
Doces do Carmo do Rio Claro





GRATIDÃO, PELÉ!

Emir Sader

***A morte de Pelé é uma perda irreparável para o Brasil.
Poucos brasileiros levaram o nome do nosso país tão longe feito ele.
Por mais diferente do português que fosse o idioma,
os estrangeiros dos quatros cantos do planeta logo
davam um jeito de pronunciar a palavra mágica: "Pelé".***

Presidente Lula

Quem teve a sorte de nascer nos anos 1940, teve o privilégio de ver toda a carreira do maior jogador de futebol de todos os tempos. Para quem não teve esse privilégio, parece um acontecimento entre outros na vida de alguém. Mas para quem gosta de futebol, foram vivências inesquecíveis na vida de alguém.

Para quem viveu essa longa e maravilhosa carreira, não tem nenhuma dúvida de que Pelé foi o melhor jogador de futebol de todos os tempos. Essas vivências começaram muito cedo na vida dele, tinha 15 anos, já maravilhava a todos no Santos.

Era difícil jogar contra o time do Pelé, mesmo sendo torcedor do único time que dividia os campeonatos daqueles tempos – o Palmeiras, time para o qual torço. Não havia como não reconhecer as jogadas geniais do Pelé.

Um jogador que, desde cedo, chutava com os dois pés com a mesma habilidade. Cabeceava muito alto,

mesmo não tendo grande altura. Driblava como nenhum jogador o fazia. Fez gols geniais, driblando desde a defesa até o ataque e o gol.

Para os brasileiros, logo tivemos a consagração, com a insuperável atuação dele na Copa da Suécia, moleque ainda de 17 anos, fazendo jogadas geniais, para qualquer jogador, de qualquer idade.

Depois conduziu o Brasil a ganhar três campeonatos mundiais. Ele, o único jogador a ganhar três Copas do Mundo: as de 1958, 1962 e 1970.

Felizmente estão aí as antologias das incomparáveis jogadas que ele fez, inventou, criou, recriou. Senão seria impossível contar a outras gerações as geniais jogadas dele.

Pelé foi o jogador perfeito, por chutar com os dois pés com a mesma habilidade, por driblar para todos os lados, por lançar para outros, por fazer tabelinhas mágicas. Quase que reinventou o futebol.

Nascemos e crescemos, por muitas gerações, acostumados a vê-lo, nos estádios e na televisão. No Brasil e encantando o mundo. Conseguiu resultados impossíveis com o seu Santos, derrotando os principais times do mundo, pela seleção brasileira, fazendo, naquele momento, do Brasil o país do futebol.

Foi um gênio como jogador de futebol. O que não tem nada a ver com a pessoa. Nada tira dele tudo o que ele nos deu, tudo o que ele deu ao futebol.

Recordando de ver seus jogos, com o outro gênio, o Garrincha, ou com o seu companheiro de tabelinhas, o Coutinho, ou revendo os filmes da sua carreira, lhe agradecemos por tudo o que ele fez por nós e pelo futebol.

Obrigado, Pelé!



Emir Sader - Sociólogo. Cientista político. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



NA POSSE DO JABUTI, CANTANDO EM TOM MAIOR

José Bessa Freire

***Vai ter que amar a liberdade/ Só vai cantar em tom maior.
Vai ter a felicidade/ De ver um Brasil melhor.***

Martinho de Vila – Tom Maior – 1968.

Rei morto, rei posto. Chega, enfim, o dia tão esperado em que o Jabuti toma posse como “Cuidador da Floresta”, com a realização de um festival de cantoria dos pássaros que foram silenciados no reinado da Onça, agora destronada. Apoiada pelo Grupo Sentinelas de Igarapé, a

Onça se fingiu de morta para envenenar a festa. Essa é a história que vai aqui contada. Foi assim.

Inconformada com sua derrota, a Onça Biroliro acampou seus seguidores à beira do Igarapé da Caserna, que ficou infestado de jacarés e piranhas com os dentes engatilhados, poraquês de dois me-

tros que torturavam com choque elétrico e o pequeno candiru que – dizem – invade a uretra humana.

A Onça sanguinária bolou o plano do silêncio para dar o golpe. Ordenou à Raposa Biro-Lira:

– Avise à floresta inteira que eu fui esfaqueada e morri. Convide todos os bichos para o funeral.



Desconfiado, o Jabuti preferiu manter a distância:

- Ela está morta?

- Mortinha da silva - mentiu a Raposa Biro-Lira.

- Ela já peidou e arrotou? - perguntou o Jabuti em alta voz.

- E precisa? - retrucou a Raposa.

- Claro. Meu avô morreu na semana passada, e a Coruja só assinou o atestado de óbito depois que ele deu três peidos e três arrotos.

A Onça Biroliro ouviu tudo e, com a inteligência, a delicadeza e o recato que a caracterizam, trovejou e eructou três vezes com grande estrondo.

- Morto não arrota, nem bufa - sentenciou o Jabuti, que se picou. Na verdade, "deu às de vila-diogo", conhecedor que era da vida misteriosa das expressões usadas na beira do rio Tejo. Saiu dali para subir a rampa. Se o golpe colasse, colava. Não colou. A Onça, que se gabava de ser imbrochável, brochou.

A FESTA

Vai daí que, desmontado o golpe, a Onça mal-amada fugiu com sua família para "Me Ame", na terra florida, onde foi lavar seu sujo tcherembó no Blue Lagoon, com despesas de viagem e hospedagem pagas pela bicharada. Decepcionada por não haver ninguém para recebê-la no cercadinho, lamentou:

- "As aves que gorjeiam aqui em 'Me Ame', não gorjeiam como lá na Floresta".

Vou me fingir de morta aqui na beira do igarapé, talkey?

Quando o Jabuti-Piranga da Selva chegar perto, dou um bote e o estraçalho. Enquanto isso, os amigos da Onça acampados no igarapé, depois de tocarem o terror, me entronizam outra vez como "Rei da Floresta".

Dito e feito. Se colar, colou.

O VELÓRIO

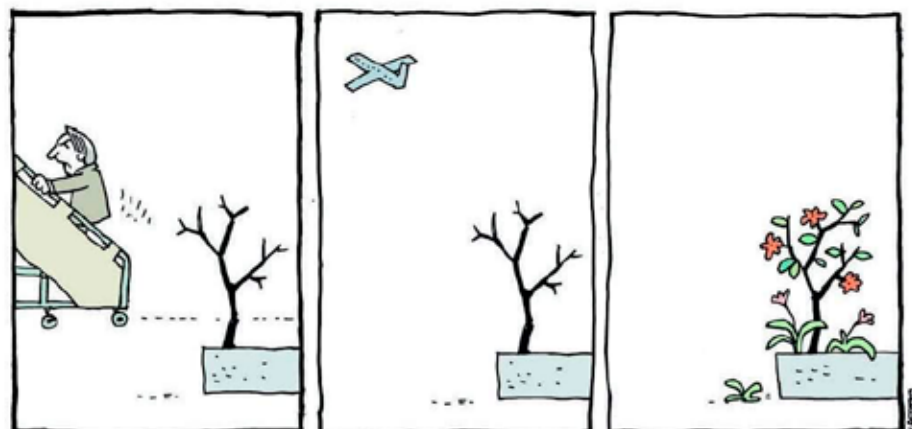
- A Onça morreu! A Onça morreu! Estão todos convidados para as exéquias. No velório tem bolacha, cachaça, cafezinho e muita regalia secreta - gritava a Raposa Biro-Lira, com um megafone na mão, arreganhando os dentes.

Os animais, que se aproximavam do falso cadáver, lubrificavam os olhos com lágrimas de crocodilo. Destoando, o Pato vinha cantando alegremente "kuen kuen", mas Paca, Tatu, Cotia não. Atrás deles, Cavalo, Burro e Jumento, que não era o grande malandro da praça. Macaco, Gato Maracajá. Anta, Jararaca, Sucuri e outras cobras desfilavam no meio do gado que mugia. Junto a eles Coelho, Porco, Bode e a dócil Ovelha.

Na fila dos pêsames, Lobo-Guará, Sapo, Marreco de Maringá, Caititu, Tamanduá, no cabelo e dinheiro na caixinha 2. Vieram bichos de outras florestas: Leão, Urso, Elefante, Girafa, Hipopótamo, Rinoceronte, Canguru e Zebra.

A Onça, que nem seu Souza. Com a respiração presa, as canelas esticadas e o olho de peixe de geladeira, esperava imóvel a chegada do Jabuti, que na verdade era um Cágado de sorte. Astuto, cheio de artimanhas, o sofrimento lhe deu sabedoria. Ele olhou de longe.

- Pode se aproximar, compadre - disse a Raposa.



Charge: Divulgação/Laerte



Efetivamente, “a bandeira de ‘Me Ame’ nunca será verde-amarela”, constataram os amigos da onça, abandonados, que não puderam segui-la e ficaram a ver navios e emas no lago Paranoá.

O Jabuti, já com a faixa de “Cuidador da Floresta”, organizou uma festança de arromba no chamado Festival do Futuro. Foram montados dois palcos à beira do lago, cada um com o nome de passarinhas sem asa: ‘Mingal’ e ‘Trinado do Fim do Mundo’, que costumavam “cantar como um passarinho / de manhã cedinho / lá no galho do arvoredor / na beira do rio”.

Posto que uma andorinha sozinha não faz verão, o Jabuti a todo mundo deu psiu psiu, psiu e convidou mais de 60 pássaros para cantarem a alegria. O Sabiá que andava pelo mundo e que tanto já voou, atendeu ao psiu psiu psiu e veio aliviar a nossa dor. Lá na gaiola, fez um buraquinho, voou, voou, voou, fugiu do terreiro e foi cantar no abacateiro, assim como o Tico-tico no fubá.

De repente, a mata inteira ficou muda para ouvir o canto de ébano do Uirapuru, seresteiro

cantador do meu sertão, que dialogava com o sagrado. Sua canção subiu ao céu em sentida melodia, em forma de oração. Ouviu-se o canto melodioso da negra Graúna, a voz flautada do Bicudo, o sotaque nordestino do Curió, a vocalização do Azulão, o trinado do Canário-do-mato e o gorjeio baixinho do Cricrió e do Corrupião de plumagem laranja.

PINGANDO MEL

“Amanhã vai ser outro dia”, “Futuro Ancestral” e “Outra vez Cantar” são três dos dez shows da cerimônia oficial na Esplanada do Bosque. Muitas Jabutizinhas, Tartaruguinhas, Tracajazinhos e Cagadozinhos se divertirão no Espaço Curumim, organizado para celebrarem, elas também, a esperança e a alegria, ouvindo o Martim Pescador cantar para as quelônias grávidas:

– Está em você / O que o amor gerou / Ele vai nascer / e há de ser sem dor / Ah! Eu hei de ver / Você ninar e ele dormir / fazê-lo andar / Falar, cantar sorrir. / E então quando ele crescer / Vai ser um quelônio de

bem / Vou ensiná-lo a viver / Onde ninguém é de ninguém / Vai ter que amar a liberdade / Só vai cantar em Tom Maior / Vai ter a felicidade de / ver uma Floresta melhor.

Depois que o Jabuti subir a rampa pela terceira vez, pratos típicos da culinária da Floresta, sem agrotóxicos, poderão ser saboreados na feira gastronômica montada para o evento.

A boca do Bem-te-vi, que “pinga mel”, anunciará um novo tempo, do amor e não do ódio, do livro e não da arma, da vacina e não da cloroquina, de Deus ao lado de todos e não “above all”. Agora, empossado o Jabuti, quem quiser falar com Deus, não precisará mais subir em goiabeira. Basta “ficar a sós, apagar a luz, calar a voz, encontrar a paz, folgar os nós dos sapatos, da gravata, dos desejos, dos receios” como cantou Giló.

Foi assim que a floresta se salvou da destruição total. Não vai ser fácil pro Jabuti reconstruir tudo o que foi destruído na Floresta e fazer com que nossas várzeas fiquem com mais flores, nossos bosques com mais vida e nossa vida com mais amores. Mas só pelo fato de nos ter livrado da Onça sanguinária, já lhe somos eternamente gratos.

Acabou, porra!

P.S. Recriação a partir da literatura oral indígena em Nheengatu recolhida por Couto de Magalhães no Pará em 1875. O referido é verdade e dou fé, eu, o La Fontaine de Igarapé, “passarim sem asa, eu sou tudo e nada, sou um sonhador” como quer Paulinho Pedra Azul em sua Cantiga de Tropeiro.



José Bessa Freire – Escritor, membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri, em <http://taquiprati.com.br/>



Foto: Ricardo Stuckert

JANJA CHEGOU

— Geraldo Varjabedian

***O que há de política e ecologia
nesse terninho de Janja é um
magnífico escândalo.***

Por conhecer um pouquinho do assunto, tomei um tranco com o traje de Janja na posse, nem tanto pelo traço, porque moda não é minha área, mas pela seda. Claro que fui pesquisar e entendi a construção feita pela estilista Helô Rocha e a importância do trampo. Muita ecologia e política envolvidas no processo.

Não, Janja não estava apenas podre de chique. Estava vestida politicamente, intencionalmente, desafiadoramente, no que sintonizou perfeitamente com a subida da rampa e o compartilhamento popular da faixa presidencial.

Quem questiona, rastreia, estuda, tenta alertar e educar sobre modos de produção, sabe quanto valem propostas como este trabalho estupendo de tingimento da seda com caju e ruibarbo, a arte dos bordados em palha das bordadeiras de Timbúba. Que cuidado! Que terninho estudado e conceitualmente precioso!

Trabalho especialíssimo, que escancara um Brasil que negligenciou seus próprios modos de produção, conhecimentos, soberania, para dar espaço às psicopatias industriais. Que homenagem ao Brasil!

Janja deu aula de ativismo, de ecologia, de bioeconomia, de século 21. Fez valer todo nosso empenho para enxotar a caretece do poder.



Geraldo Varjabedian - Escritor.
Extraído do Instagram da
Socialista Morena. Texto completo
em www.socialistamorena.com.br

OS DIREITOS HUMANOS ESTÃO DE VOLTA

Silvio Almeida

Foto: Divulgação/ Sergio Lima/AFP



Senhoras e senhores:

Bom dia a todos. É uma alegria imensa estar aqui. Acho que qualquer coisa que eu pudesse dizer não seria o suficiente para descrever esse momento de festa e alegria; mas, também, um momento de responsabilidade em que assumo esta pasta pela confiança que me foi dada pelo presidente Lula.

Quero agradecer a todos os que vieram e a todos que, aqui, não conseguiram entrar. Nós não imaginávamos que tantas pessoas pudessem para aqui se dirigir, neste dia, e isso demonstra, inclusive ao nosso governo, como a questão dos Direitos Humanos não pode ser deixada de lado. É uma questão central: uma questão que interessa a todos nós.

Ao me dirigir a todas e todos os presentes, sinto-me no dever de compartilhar uma mensagem que ressoe não apenas na dimensão do tempo que chamamos de presente. Nosso passado e nosso futuro também estão em jogo nessa nova etapa do país que, agora, se abre diante de nós.

Diz um antigo ditado iorubá: “Exumato um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”. Presente, passado e futuro são realidades entremeadas e, nessa encruzilhada que nos encontramos, eu diria que são também indissociáveis. Não nos movimentamos apenas em um plano, para que não nos esqueçamos jamais da grandiosidade das nossas lutas. Nossa conexão é com passado, presente e futuro.

Portanto, quero deixar aqui uma mensagem que possa repercutir

nessas três dimensões do tempo para poder falar sobre aquilo que esse Ministério será. Minha primeira mensagem, portanto, é o passado. Mas, quando falo de passado, estou falando daquilo que somos e podemos ser: não se trata do passado que nos aprisiona, mas daquele que nos serve como catapulta em direção ao presente e também nos lance em direção ao futuro.

Assim, minha primeira mensagem é a reverência à luta por memória, verdade e justiça.

Assumo hoje a função de Ministro de Estado de Direitos Humanos e Cidadania. Tenho a consciência de que não o faço só e nem mesmo o faço por mim. Sou fruto de séculos de lutas e resistências de um povo que não baixou a cabeça mesmo diante dos piores crimes e horrores da nossa história.

Nós não nos rendemos. Pois nós somos o povo que, mais de um século antes do Pastor Martin Luther King, dizíamos, com Luiz Gama, ter um sonho: ver “o Brasil americano e as terras do Cruzeiro, sem reis e sem escravos!”.

E somos esse povo, dentre outras coisas, por saber que Luiz Gama não teria sonhado se não fosse por sua mãe, Luíza Mahin, e esta não teria sonhado se não fosse por seus antepassados, que levaram adiante o sopro da vida para seus filhos e netos. Por isso, irmãos e irmãs, jamais se enganem: a nossa força é, sobretudo, a força dos nossos ancestrais.

Nessa força, que também me habita, carrego comigo, como meus irmãos e irmãs, as dores, as alegrias e, sobretudo, a luta e a força de um povo que, apesar de tudo e de todos, sobreviveu e ainda sobrevive, legando a este país um patrimônio material e imaterial indescritível, seja nas artes, na religiosidade, no futebol, no samba, nas universidades ou em cada tijolo posto sobre tijolo neste país, das humildes alvenarias periféricas aos mais suntuosos palácios de onde muitas vezes nós fomos enxotados, como se nada tivéssemos a ver com as belezas erguidas por nossas mãos.

Não nos enganemos. Sempre houve aqueles que quiseram, há aqueles que ainda querem, nos separar da nossa criação, mas na nossa obra pulsa o nosso sangue, nos nossos feitos brilham os nossos rostos e, na nossa memória, resplandece a nossa força. Haverá o dia em que não seremos mais alienados dos frutos do nosso trabalho e do nosso engenho e poderemos enfim gozar dos nossos talentos e do nosso tempo livre em invenções ainda mais grandiosas. Hoje, coloco-me humildemente como um operário da escrita de mais um capítulo deste sonho.

Para tanto, peço licença e trago comigo meu pai e minha mãe, um homem e uma mulher pretos, que nas suas humildades e sabedorias ensinaram-me o valor do amor, das lutas cotidianas e da dignidade humana. Trago também meus irmãos, tios, sobrinhos, minha companheira, amigos, amigas e todos aqueles

e aquelas que contribuíram com um projeto do qual sou hoje, ao mesmo tempo, parte e testemunha.

Também trago a luta de Zumbi, de Dandara, dos já citados Luiz Gama e Luíza Mahin, de Abdias, de Guerreiro Ramos, de Lélia Gonzales, de Milton Santos, de Marielle Franco, de Pelé – que foi ministro de Estado, também, deste Brasil. E tantos outros e outras que permitiram que eu estivesse aqui hoje, homem preto, ministro de Estado, à serviço de uma luta que um dia também foi deles.

Não posso dizer que suas lutas não serão esquecidas, pois não se esquece daquilo que está presente. Mas posso e quero dizer que suas lutas serão honradas por mim e pela minha equipe que, aqui está, neste espaço pelo qual torno-me, a partir de agora, o maior responsável.

Isso significa, dentre outras coisas, não esquecer as lições da história, das lutas contra a escravidão, contra a fome, contra a morte, pelo trabalho e pela moradia dignos. Significa não esquecer da luta daqueles que foram presos, torturados e mortos pelo autoritarismo do Estado brasileiro, seja no Império, na dita Velha República, que criminalizava todos os aspectos da nossa existência ou na Ditadura Militar, que ceifou os melhores anos dos verdadeiros patriotas que ousaram se levantar contra a covardia dos poderosos.

Senhoras e senhores, temos, enfim, a consciência de que as histórias a nós legadas ainda estão sendo escritas. Não apenas porque temos a responsabilidade de levá-las adiante, mas porque ainda estão sendo vividas e tecidas em seus significados. Somos parte desse processo e estamos todos ligados, por uma miríade de fios visíveis e invisíveis, de laços ao mesmo tempo belos e dolorosos para os quais nem sempre estamos dispostos a olhar com sinceridade.

Como ministro de Estado, ousou dizer que o Brasil ainda não enfrentou a contento os horrores da escravidão, como outros traumas que se avolumam sobre nós, o que permite que a obra da escravidão se perpetue no racismo, na fome, no

subemprego e na violência contra os homens e as mulheres pretas e pobres deste país. Assim como muitos, desejo seguir em frente. Eu quero seguir em frente. Mas jamais aceitaremos o preço do silenciamento e da injustiça. A verdadeira paz será aquela que construiremos com a verdade, com o cultivo da memória e a realização da justiça.

Agora, quero falar da minha segunda mensagem dirigida ao presente.

Recebo hoje um Ministério arrasado. Conselhos de participação foram reduzidos ou encerrados, muitas vozes da sociedade foram caladas, políticas foram descontinuadas e o orçamento voltado para os direitos humanos foi drasticamente reduzido. Como crueldade derradeira, a gestão que se encerra tentou extinguir, sem sucesso, a Comissão de Mortos e Desaparecidos. Não conseguiu. Nesse sentido, quero que todos saibam – e, para isso, irei contar com o compromisso do meu assessor especial Nilmário Miranda, que muito me honra – que todo ato ilegal, baseado no ódio e no preconceito, será revisto por mim e pelo Presidente Lula – que sempre teve compromisso com a Democracia.

Não permitiremos que um Ministério criado para promover políticas de direitos humanos permaneça sendo utilizado para a reprodução de mentiras e preconceitos. Chegamos ao cúmulo de ver a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos sendo usada para propagar discursos contra políticas de vacinação. Não mais. Essa era se encerra neste momento. Acabou!

Encerra-se também neste momento a era de um presidente que, se outrora se disse orgulhoso de “defender a tortura”, usou seu cargo, amparado por sua ministra de Direitos Humanos, para investir contra o Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura. Como se sabe, os membros do órgão foram exonerados e suas remunerações foram extintas, situação essa só foi parcialmente revertida por decisão judicial. Isso acabou. A partir de hoje, garantiremos o pleno funcionamento deste mecanismo nacional de prevenção e combate à tortura.

Tenho, no entanto, a plena consciência que, diante do cenário desolador em que recebo o Ministério, não terei facilidades ou mágicas a oferecer. Ofereço, no entanto, a mim mesmo, o esforço inaudito da minha equipe e estendo a mão a todos aqueles e aquelas que se dispuserem a fazer parte desse processo de reconstrução. Seremos o Ministério do diálogo, da cooperação e da união de esforços. Todo o interesse legítimo trazido ao Ministério será objeto de diálogo. Como dizia o poeta Carlos Drummond de Andrade, “não nos afastemos... vamos de mãos dadas”.

Quero, no entanto, estabelecer aqui um primeiro compromisso. O compromisso deste Ministério com a luta de todos os grupos vítimas de injustiças e opressões, que, não obstante, resistiram e resistirão a todas as tentativas de calar suas vozes. Por isso, permitam-me, como primeiro ato como Ministro, dizer o óbvio, o óbvio que, no entanto, foi negado nos últimos quatro anos:

Trabalhadoras e trabalhadores do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós.

Mulheres do Brasil, vocês existem e são valiosas para nós.

Homens e mulheres pretos e pretas do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós.

Povos indígenas deste país, vocês existem e são valiosos para nós.

Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis, intersexo e não binárias, vocês existem e são valiosas para nós.

Pessoas em situação de rua, vocês existem e são valiosas para nós.

Pessoas com deficiência, pessoas idosas, anistiados e filhos de anistiados, vítimas de violência, vítimas da fome e da falta de moradia, pessoas que sofrem com a falta de acesso à saúde, companheiras empregadas domésticas, todos e todas que sofrem com a falta de transporte, todos e todas que têm seus direitos violados, vocês existem e são valiosos para nós. Com esse compromisso, quero ser Ministro de um país que ponha a vida e a dignidade humana em primeiro lugar.

Como acadêmico, eu sempre costumo dizer que o Brasil possui três

problemas estruturais: a violência autoritária, o racismo e a dependência econômica. Como Ministro, portanto, meu maior compromisso não poderia ser outro que lutar para que o Estado brasileiro deixe de violentar seus cidadãos. Como disse o Presidente Lula em sua posse, caberá a este Ministério dos Direitos Humanos “zelar e agir para que cada cidadão e cidadã tenha seus direitos respeitados, no acesso aos serviços públicos e particulares, na proteção frente ao preconceito ou diante da autoridade pública. Cidadania é o outro nome da democracia”. Por isso, este é o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Como disse a deputada Maria do Rosário: Direitos Humanos não é uma pauta moral, é uma pauta política; uma pauta institucional. É a única forma de cumprir a Constituição de 1988 e oferecer Cidadania.

Ao presidente Lula, “bom dia presidente, Lula!”. Um agradecimento pela confiança e a minha admiração por tudo o que passou, tudo o que construiu e tudo o que ainda há de construir por este país. Cumprimento também o vice-presidente, Geraldo Alckmin, meus colegas e minhas colegas ministras com gratidão e confiança por tudo aquilo que, juntos, faremos pelo povo e, principalmente, com o brasileiro.

Como dizia antes, nosso maior compromisso será lutar contra a violência, sobretudo a violência estatal. Isso significa, dentre outras coisas, lutar contra o assassinato de jovens pobres e negros, lutar contra um direito administrativo que rouba camelôs, expulsa crianças da escola, fecha postos de saúde, recolhe pertences de pessoas em situação de rua, e permite agressão contra todos os excluídos e marginalizados da nossa sociedade.

Para que essa luta prospere, é preciso reconstruir as instituições e comprometer toda a Administração Pública com políticas de direitos humanos, que mesmo em seus melhores anos, permaneceram insuladas nas estruturas do Estado.

O direito constitucional desenvolvido sob a égide da Constituição de 1988 logrou fazer avançar di-

versos ramos do direito. O direito administrativo, no entanto, permaneceu relativamente intocado, legitimando a violência contra os miseráveis e permitindo que o desmonte de políticas públicas não encontrasse entraves impeditivos. Cabe agora transformá-lo.

No mesmo sentido, não podemos pensar os direitos humanos apenas como amarras à ação ou instrumento para remediar tragédias. Precisamos impregnar a administração pública com a defesa dos direitos de todas e todos e promover os direitos humanos como instrumentos da criação de um novo Brasil.

A nossa reforma administrativa não será a do sucateamento, da privatização e do desmonte dos serviços públicos. E o presidente Lula disse isso. Será aquela que vai colocar os direitos e as entregas de serviços públicos de qualidade como uma força motriz do povo brasileiro. Por isso quero dizer à minha amiga, Ministra Esther Dweck, que conte comigo e com este Ministério para o projeto que lhe foi confiado. Queremos ver os direitos humanos respeitados por toda a Administração Pública deste país e esta mesma Administração funcionando para quem mais precisa.

E um projeto desses não pode prescindir jamais dos servidores públicos. Trabalhadores e trabalhadoras do Estado, operários e operárias dos serviços públicos, especialmente os deste Ministério: a vocês meu reconhecimento e meu muito obrigado. Trabalharemos pela valorização dos servidores, pelo combate a todo tipo de assédio e para que vocês sejam reconhecidos.

Mesmo que meu Ministério não possua hoje estrutura para executar diretamente políticas neste sentido, procurarei imediatamente o Ministro Flávio Dino, a Ministra Anielle Franco, Cida Gonçalves e outros companheiros e companheiras Ministros para me somar a um esforço que deve ser de todo o Governo Federal e, ao mesmo tempo, de toda a sociedade brasileira.

Quero também deixar registrado, no mesmo sentido, o meu compromisso com a reconstrução dos programas de defesa da vida



Foto: Divulgação / Mathheus W Alves

encabeçados pelo Ministério dos Direitos Humanos, sobretudo o Programa de Proteção aos Defensores e Defensoras de Direitos Humanos.

Além do programa em si, em memória de Dorothy Stang, Dezinho, Maria do Espírito Santo e José Claudio, Nicinha, Dom Phillips e Bruno Pereira, Antônio Tavares, Almir Muniz e tantos outros. Apresentamos, também, um plano nacional de proteção a defensoras e defensores de direitos humanos, com participação da sociedade civil, observando o previsto nas convenções internacionais de direitos humanos, principalmente na Declaração sobre o Direito e a Responsabilidade de Proteger das Nações Unidas e nas recomendações da Comissão Interamericana de Direitos Humanos.

Em um momento que tanto se fala de desastres climáticos, ministra Marina Silva, gostaria de enfatizar que, no novo Programa de Defensores e Defensoras de Direitos Humanos, atenção especial será dada à situação dos defensores ambientalistas, que segundo os números de que dispomos, são os que mais morrem pelas mãos de criminosos que querem deter o curso da história, mas que não conseguirão fazê-lo.

Antes da reformulação dos programas mencionados, nossos primeiros dias no Ministério, no entanto, serão dedicados a reconstruir tudo aquilo que foi desmontado por este verdadeiro projeto de destruição nacional que chamávamos de governo anteriormente.

Vamos garantir o funcionamento dos órgãos colegiados

do Ministério, revogando e/ou editando novos atos normativos e reconhecendo-os como espaços legítimos de gestão participativa.

Vamos dar condições para garantir também o pleno funcionamento do Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura e do Comitê Nacional de Prevenção e Combate à tortura, revogando todos os atos que tentaram impedir o pleno funcionamento dessas instituições.

Queremos prestigiar a recém instituída Secretaria Nacional de Políticas para a população LGBTIA+ e recriar e aprofundar o Conselho de Políticas LGBTIA+ para que funcione de maneira mais adequada e eficiente, para garantir o diálogo institucional daqueles que mais precisam do Estado Brasileiro.

Por fim, no que diz respeito ao fim da era do desmonte, queremos dizer ao mundo: o Brasil voltou. Vamos retomar e elevar o protagonismo do nosso país na agenda internacional dos direitos humanos e reativar de maneira efetiva as cooperações internacionais nas matérias pertinentes a este Ministério.

Queremos também avançar nas políticas voltadas para as pessoas com deficiência, retomando um plano nacional para a promoção de seus direitos e combatendo todas as formas de capacitismo. Procuraremos também avançar na promoção dos direitos das pessoas idosas, secretário Alexandre, estabelecendo e reconhecendo as práticas e trabalhos de cuidado como parte fundamental e valiosa da infraestrutura nacional.

Em um momento no qual o ex-

tremismo, o racismo e a produção maliciosa de notícias falsas se disseminam diante da ausência de políticas públicas, será fundamental retomar também um plano de educação em direitos humanos e promoção de uma cultura de respeito, igualdade, democracia e paz.

Tenho certeza de que muitas serão as dificuldades. E muitos permanecerão os problemas ao final da nossa gestão. Desafios de toda a sorte nos aguardam. Mas uma coisa posso garantir: não esquecerei os esquecidos. Vou lembrar, também, o meu querido Emicida: “se lembram de mim. Sentem a lágrima escorrer da minha voz, escutam a música da minha alma”.

Minha última mensagem: Temos que honrar as lutas que me trouxeram até aqui. Isso significa, no entanto, não apenas reconstruir aquilo que foi destruído e nem apenas melhorar aquilo que outrora fora feito de bom. Significa também apontar para o futuro, apontar para um projeto que ainda vem.

Nesse sentido, convém lembrar que a população negra, pobre e periférica desse país lutou ativamente pela redemocratização e pela Constituição. Fomos beneficiados em parte pela criação do SUS, pela ampliação da rede educacional e reconhecidos pela criminalização do racismo.

Durante os governos democráticos e populares, conquistamos, dentre outras coisas, os programas de transferência de renda, a Lei do Ensino da História Afro-brasileira e indígena e as cotas nas universidades e nos serviços públicos. Jamais podemos subestimar essas

conquistas e todas as mudanças que elas geraram nas vidas de meninas e meninos negros e pobres do Brasil.

Como diz um verso de uma das nossas melhores cabeças, meu amigo Mano Brown, “eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal”. O acesso à educação e as ações afirmativas foram fundamentais para desnaturalizar “o lugar” dos negros e negras deste país. Não cabemos no quintal de ninguém e queremos e iremos ocupar todos os espaços da sociedade brasileira.

Por outro lado, foi nas rimas do rap nacional que entendi que algumas das grandes mudanças vividas pela sociedade brasileira a partir da redemocratização não se estenderam à população pobre, negra e periférica, aos excluídos desse país. Muitos trabalhadores e trabalhadoras deste país continuam condenados ao desemprego e ao subemprego, à falta de moradia, falta de mobilidade e falta de saneamento básico.

Venho propor caminhos: o primeiro deles, como já sinalizado, é desinsular o conceito de direitos humanos de um único Ministério. De pouco adiantarão nossos esforços se os direitos humanos não estiverem presentes na saúde, na educação, na Assistência Social e em tantas outras pastas. Nesse sentido, não conseguiremos construir uma rede de proteção integral às crianças e adolescentes deste país, às pessoas em situação de rua e a outros públicos de responsabilidade deste Ministério. Faremos um amplo diálogo nacional, que envolva as pastas do Governo Federal e uma ampla concertação nacional.

Mais importante ainda é que os direitos humanos estejam presentes na condução da política econômica deste país. Quero aqui estender minha mão aos meus companheiros Ministros Fernando Haddad, Simone Tebet e ao Vice-Presidente Geraldo Alckmin, para que juntos pensemos em um projeto de desenvolvimento que seja inclusivo, sustentável e radicalmente democrático.

Por fim, o Sul global precisa propor um novo conceito de direito ao desenvolvimento, que dialogue com

as nossas realidades, com as necessidades do nosso povo, e aponte para as possibilidades concretas de superação da privação material e construção de prosperidade comum. Se a gramática dos direitos humanos nada disser a quem sente fome, a quem está desempregado, a quem sobrevive com um trabalho precário, de nada valerão nossos esforços e abriremos novamente, como aconteceu, as portas para o fascismo que ainda nos espreita.

Portanto, queremos romper as barreiras de comunicação sobre os direitos humanos, que ainda não fomos capazes de superar. Precisamos construir uma linguagem de direitos humanos que não fale apenas para organismos internacionais, movimentos organizados e beneficiários diretos das nossas políticas públicas.

Quero ser ministro dos direitos humanos de um país no qual este conceito ressoe no coração do homem e da mulher comum, dos trabalhadores e trabalhadoras informais e precarizados, um país no qual consigamos levar adiante nossa mensagem.

Nesse sentido, quero externar aqui meu compromisso e preocupação com as crianças e adolescentes órfãos da Covid-19. De nada adiantará um Ministério de Direitos Humanos se ele não funcionar para essas crianças. Levemos a sério a vida do povo brasileiro e, sobretudo, com absoluta prioridade, a vida das nossas crianças.

Nós também iremos construir um Estatuto das vítimas de violência neste país, um compromisso que desde sempre esteve no horizonte do movimento de direitos humanos, seja na luta contra a ditadura, seja na luta pelos direitos das mulheres, crianças, indígenas e outros segmentos vítimas de violência neste país. Nós avançaremos nessa construção.

Como um último compromisso para o futuro, deixo consignada a necessidade de se colocar os direitos humanos no centro da discussão sobre segurança pública neste país. Vários sistemas de políticas públicas sofreram profundas reformas, sendo construídos e reconstruídos a partir do processo constituinte.

Na segurança pública, sem negar experiências exitosas, essas reformas permaneceram incompletas. Pela vida dos meninos e meninas deste país, daremos a nossa contribuição também neste campo, em tudo o que estiver ao alcance.

Assim, termino dirigindo uma mensagem especial aos meus secretários e assessores, que muito me honraram a aceitar essa tarefa, quero agradecer a todos os secretários e secretárias, assessores e assessoras deste ministério: na Secretaria-Executiva, Rita Cristina de Oliveira; na Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, Ariel de Castro Alves; na Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, Isadora Brandão Araujo da Silva; na Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+, Symmy Larrat; na Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Anna Paula Feminella; na Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa, Alexandre Silva; da chefe de Gabinete, Marina Basso Lacerda; e da Assessoria Especial de Defesa da Democracia, Memória e Verdade, com Nilmário Miranda; nos Assuntos Legislativos, Carlos David Carneiro Bichara; e o ouvidor nacional dos Direitos Humanos, Bruno Renato Teixeira.

Assim como disse Luther King, de quem falei no início, não há paz sem memória e não há paz sem justiça, e justiça é luta. Disse ele: “eu tenho um sonho”, eu também tenho um sonho. E quero sonhá-lo com todo o povo brasileiro. Eu sonho com um futuro no qual nós já vencemos. Nós somos a vitória dos nossos ancestrais. Nós somos a vitória, também, daqueles que virão depois de nós.

Muito obrigado. Viva o Brasil!



Silvio Almeida – Advogado, filósofo, professor, Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania. Discurso antológico na cerimônia de sua posse como Ministro de Estado, em 2 de janeiro de 2023.

A JUSTIÇA VOLTOU

Flávio Dino

Meus companheiros e companheiras, nós que somos adeptos da religião do caminho, aprendemos que Jesus Cristo, ao fazer o sermão da Montanha, acentuou que são bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça. E nas Sagradas Escrituras, antes de Jesus Cristo, no livro de Isaías, está escrito que a paz verdadeira é fruto da justiça.

Portanto, senhoras e senhores, ao ser investido na condição de Ministro de Estado da Justiça e Segurança Pública, num momento tão difícil da nossa Pátria, quero acentuar sobretudo que este será o Ministério da Paz, o Ministério da Pacificação nacional, da busca da paz verdadeira, que é fruto da Justiça para todos e para todas. Paz, contudo, com conteúdo, com prioridades, com eixos que são vitais para que nós possamos autenticamente falar nesta paz verdadeira.

Combate às desigualdades.

Proteção à Constituição.

Defesa da democracia.

Controle de armas.

Combate aos crimes ambientais.

Direitos digitais.

Direito ao consumo.

Cooperação federativa.

São algumas prioridades, meus colegas de governo, que fazem com que todas as senhoras, todos os senhores, a esta altura, pensem: "que bom que o presidente Lula não me nomeou para o Ministério da Justiça". É tudo isso e mais alguma coisa. (...)

Uma palavra especial aos policiais do nosso país: Nós queremos que todos e todas se somem aos nossos esforços, não existe segurança pública com cidadania, não existe segurança

pública compatível por direitos humanos, sem a participação das polícias e dos agentes públicos de modo geral, não pode existir antinomia entre a nossa visão política de estruturação da paz e a ação policial. Pelo contrário, nós queremos que todos e todas as policiais no nosso país considerem esse ministério como seu. Não importa o voto de ontem ou o voto de amanhã, o que importa é o cumprimento do dever funcional de acordo com os ditames da lei e da hierarquia e da disciplina.

Concluo com um elogio, agradecimento à minha equipe, todos que aqui estão, todas que aqui estão, muito obrigado por vocês terem aceitado essas missões. São múltiplas, são aparentemente impossíveis, mas que bom

que assim são, porque é isso que dá sabor à vida.

Muito obrigado por vocês compartilharem este desafio nesta hora presente, nós vimos ontem como o mundo olha o Brasil, e o mundo, ao olhar a nossa Pátria, ao olhar o presidente Lula, olha também a construção das políticas públicas que aqui faremos. (...)

Não há lição ética mais importante para agentes políticos e servidores públicos e servidoras públicas. Nós não somos poder, nós somos serviço, o serviço da Pátria, serviço à população brasileira, sobretudo, aos que mais precisam.



Flávio Dino - Advogado, professor, ex-magistrado. Ministro da Justiça e Segurança Pública. Excertos do seu discurso na cerimônia de posse como Ministro de Estado, em 2 de janeiro de 2023, editado por limitações de espaço. Confira o texto na íntegra em: <https://www.gov.br/>



Foto: Divulgação/Sergio Lima/ AFP



Foto: Eduardo Pereira

INVESTIGAR E PUNIR OS TERRORISTAS, SEM ANISTIA, PARA GARANTIR A DEMOCRACIA

Diretoria da Fetec

A tentativa de golpe de Estado levada a cabo por terroristas bolsonaristas neste domingo, 8 de janeiro, tantas vezes ensaiada nos últimos quatro anos, foi derrotada pela ação das forças e instituições democráticas do país.

A Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN) repudia com veemência a invasão criminosa e a vandalização pelas hordas fascistas do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e do prédio do STF – o mais grave atentado à democracia brasileira dede o golpe de 1964 – e soma-se à mobilização das centrais e entidades sindicais e dos movimentos sociais na defesa do Estado de Direito e do governo legitimamente eleito em outubro e que acaba de tomar posse.

Mas, para que a nossa democracia nunca mais volte a ser ameaçada pela extrema direita e pelos fascistas, a Fetec-CUT/CN considera imperativo que haja rigorosa investigação, responsabilização e punição de todos os que participaram do plano golpista, por ação ou omissão.

Cerca de 1.500 terroristas foram presos e estão sendo interrogados e indiciados pela Polícia Federal. É preciso ir além, identificar e prender os demais invasores, que não

apenas destruíram instalações, obras de arte e objetos valiosos de propriedade do povo brasileiro, como também roubaram peças e armas dos três edifícios.

O governo federal decretou intervenção na segurança do DF e o STF afastou temporariamente o governador, por conivência e colaboração com os terroristas. Isso não basta. É preciso aprofundar as investigações sobre a participação das forças de segurança e das autoridades de Brasília no golpe – e, confirmadas as provas, levá-los todos à prisão.

A quase totalidade dos terroristas presos tinha como base de operações o acampamento dos golpistas bolsonaristas montado desde outubro em frente ao QG do Exército em Brasília, que se transformou numa verdadeira incubadora de terroristas. Também é imprescindível apurar e punir os militares que transformaram as Forças Armadas num partido político, que enxerga como inimigos mais da metade da população brasileira.

O Ministério da Justiça anunciou que apreendeu 40 ônibus que transportaram a Brasília terroristas de todas as partes do país. Não será difícil, portanto, identificar os organizadores e financiadores do plano golpista. Identificados, precisam ser de-

nunciados e presos, sem exceção.

Por fim, é urgente acelerar as investigações sobre os promotores da campanha de mentiras e de ódio que envenenou o Brasil. E não restam mais dúvidas da participação nos atos criminosos do entorno do ex-presidente Bolsonaro, que durante todo o seu governo tentou o golpe e fugiu para a Flórida ao fracassar no intento de impedir a posse do governo Lula.

Toda essa cadeia extremista que levou ao terrorismo de domingo precisa ser investigada, responsabilizada e presa. Foi por perdoar os crimes da ditadura militar que os fascistas se sentem impunes e à vontade para preparar novos golpes. A sociedade brasileira não pode repetir esse erro. Sem anistia aos criminosos. Só assim garantiremos democracia para sempre.

Diretoria da Fetec-CUT/CN





O MEIO AMBIENTE VOLTOU

Marina Silva

O que vimos nesses anos que se passaram foi um completo desrespeito pelo patrimônio socioambiental brasileiro. Povos indígenas, quilombolas, sofreram a invasão de suas terras e territórios, nossas unidades de conservação foram atacadas por pessoas que se sentiam autorizadas pelo mais alto escalão do governo. Boiadas se passaram no lugar onde deveriam passar apenas políticas de proteção ambiental. O estrago só não foi

maior porque as organizações da sociedade, os servidores públicos, vários parlamentares, o Ministério Público e a Alta Corte do poder judiciário se somaram em defesa do meio ambiente (...).

O Brasil tem um enorme desafio para honrar os compromissos assumidos no Acordo de Paris. Trata-se de área em que houve retrocesso, principalmente devido ao aumento de emissões decorrentes do desmatamento que se acirrou

nos últimos quatro anos. Para lidar com esse desafio, é essencial que toda a governança sobre mudança do clima evolua (...).

A Autoridade Nacional de Segurança Climática, proposta que submeti ainda na campanha eleitoral ao Presidente Lula, terá como finalidade produzir subsídios para a execução e implementação da Política Nacional sobre Mudança do Clima, regular e monitorar a imple-

mentação das ações relativas às políticas e metas setoriais de mitigação, adaptação e promoção da resiliência às mudanças do clima; e, supervisionar instrumentos, programas e ações para a implementação da Política Nacional sobre Mudança do Clima e seus planos setoriais. A decisão do governo é que o desenho dessa autarquia seja submetido ao Congresso Nacional até abril próximo (...).

Quero retomar o nosso compromisso e reconhecimento da participação social como elemento estratégico da atuação do Estado brasileiro em sua relação com a sociedade. Trata-se não apenas de responder ao compromisso do Presidente Lula de retomar as políticas participativas que caracterizaram os seus dois primeiros mandatos, mas, também, de um compromisso que, pessoalmente, sempre tive ao longo de toda a minha vida (...).

Permitam-me falar, agora, como uma simples cidadã, nascida numa das mais ricas e belas regiões do planeta, e paradoxalmente assolada pelas desigualdades sociais, violência contra os povos origi-

nários e tradicionais, destruição de suas florestas e contaminação de suas terras e rios. Alguém que conhece os rigores da natureza - ainda mais quando ela é agredida e devastada - e sabe que esses rigores se abatem antes e mais fortemente sobre as parcelas mais pobres da população (...).

Vamos trabalhar juntos com a sociedade civil, empresários, trabalhadores, povos indígenas e tradicionais, artistas, cientistas e governos estaduais e municipais, para reconquistar a credibilidade, a previsibilidade e a estabilidade do país, retomando a confiança dos investidores nacionais e estrangeiros.

Vamos precisar de muito apoio e investimentos para darmos o salto de qualidade e gerar um novo ciclo de prosperidade, capaz de promover o crescimento econômico com inclusão social e sustentabilidade ambiental. Para além da proteção da Amazônia e demais biomas, vamos promover uma aceleração da transição energética, da agricultura de baixo carbono e de um mercado nacional de carbono regulado (...). O Brasil e o planeta precisam de nossa Natureza viva.

Vamos construir pontes com nossos vizinhos latino-americanos, com os quais temos o privilégio de compartilhar a maior floresta tropical da Terra, a fim de juntos combater o desmatamento e promover uma economia forte baseada na conservação de nossa biodiversidade. Para tanto, vamos valorizar o Tratado de Cooperação Amazônica e todos os demais mecanismos de cooperação existentes e que poderemos criar. Essa cooperação se estenderá para além de nosso continente, chegando à África e Ásia, onde estão os países mega florestais, como a República Democrática do Congo e a Indonésia.

É a visão desse novo tempo possível que nos reúne aqui, para decidir, planejar e, principalmente, agir.



Marina Silva - Historiadora, ambientalista. Ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima. Excertos do seu discurso na cerimônia de posse como Ministra de Estado, em 4 de janeiro de 2023, editado por limitações de espaço. Confira o texto na íntegra em: <https://www.gov.br/>



Foto: Divulgação/Ed Alves/DA press

A POLÍTICA INDÍGENA CHEGOU

Márcio Santilli

Uma novidade histórica do governo Lula é a política indígena, em vez de indigenista, que será implementada a partir de agora. Foi criado o Ministério dos Povos Indígenas, ao qual ficará subordinada a Funai, que passa a se chamar Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Ambos, assim como a Secretaria de Saúde Indígena (Sesai), do Ministério da Saúde, serão dirigidos por lideranças indígenas. Sônia

Guajajara, Joênia Wapichana e Weibe Tapeba, respectivamente, serão os seus dirigentes.

Esses nomes foram encaminhados ao presidente Lula pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), na forma de uma lista tripla para a escolha do ministro. Sônia coordenou a Apib nos últimos anos e foi eleita deputada federal por São Paulo; Joênia encerra o mandato como primeira deputada federal indígena, por Roraima, e Weibe é vereador em Caucaia (CE)

há vários mandatos. Lula escolheu Sônia para acolher o PSOL no Ministério, mas aproveitou Joênia e Weibe em outras funções-chave.

O protagonismo indígena sobre as políticas públicas



levará outros quadros oriundos do movimento para funções de governo, como o advogado Eloy Terena, que será secretário-executivo do ministério dos Povos Indígenas.

Ocorre, também, intensa movimentação nas comunidades e nas organizações indígenas locais para apresentar nomes para as coordenações regionais da Funai e da Sesai, contra as habituais indicações de partidos, reduzindo a influência de interesses de terceiros sobre os territórios indígenas e os seus recursos naturais.

O protagonismo político local, por sua vez, deve fortalecer a participação indígena nas próximas eleições municipais.

Em 1º de fevereiro, tomará posse o novo Congresso Nacional, onde atuará, além de Sônia Guajajara, que vai se licenciar do mandato para assumir o MPI, a deputada federal Célia Xakriabá, eleita por Minas Gerais, e que deverá coordenar a Frente Parlamentar dos Povos Indígenas, substituindo Joênia. E outr@s deputad@s e senador@s que também se identificam como indígenas, como Juliana Cardoso, do PT de São Paulo, e Silvia Waiãpi, do PL do Amapá. A ocupação de espaços políticos não se dá só a partir de partidos de esquerda, mas a forte simbologia política indígena

também vem sendo capturada por forças de direita.

NADA SERÁ COMO ANTES

O protagonismo político indígena é crescente desde o final da ditadura militar, mas se fortaleceu de forma inédita no enfrentamento aos retrocessos promovidos pelo governo anterior. O Acampamento Terra Livre, realizado anualmente no mês de abril em Brasília, reuniu mais de seis mil representantes indígenas de todo o Brasil em sua última edição. A Apib foi reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal (STF) como competente para ingressar com Ações Diretas de Inconstitucionalidade (ADINs). A expressiva votação alcançada por candidatos indígenas nas capitais é uma evidência do acolhimento desse protagonismo indígena por parcelas crescentes da sociedade.

A nomeação de indígenas para conduzir as políticas do seu interesse decorre da generosidade do presidente Lula, e também decorre da sua percepção de que o movimento indígena foi capaz de se fortalecer, mesmo sob as mais adversas condições políticas. São conquistas históricas, não apenas transitórias. Os interesses incidentes nos territórios e demais direitos

indígenas terão que ser tratados diretamente, e não através de prepostos ou supostos tutores.

Não serão pequenas as dificuldades, mas essa nova geração de dirigentes indígenas está pronta para enfrentá-las. Ela não poderá subestimar a força objetiva dos interesses que serão contrariados, estará sujeita às vicissitudes próprias da atuação partidária e administrativa, mas aprenderá muito mais ainda sobre a própria natureza da política, com os seus prós e contras.

Aqui não vai nenhum desprezo pelo indigenismo sério, historicamente praticado por pessoas e instituições que foram e continuam sendo fundamentais para a resistência dos povos indígenas à sanha colonial. Muitos sacrificaram as suas vidas nesse processo, e Bruno Pereira foi apenas o mais recente. Mas o momento, agora, é o da política indígena, e todos nós devemos nos orgulhar pelo privilégio de partilharmos esse novo tempo.



Márcio Santilli –Filósofo, sócio-fundador do Instituto Socioambiental (ISA). Matéria publicada originalmente em <https://midianinja.org/marciosantilli/politica-indigena/>



Foto: Ricardo Stuckert

UMA ESCOLA DO CAMPO, NO CAMPO E PARA A COMUNIDADE DO CAMPO

Foto: Joelma Rodrigues



A Escola Classe São Bartolomeu está localizada na área rural de São Sebastião, cidade que fica cerca de 27 quilômetros do centro de Brasília. O espaço recebe diariamente 176 crianças de 4 a 8 anos, vindas de assentamentos, acampamentos, chácaras e do

Núcleo Rural Capão Comprido. Elas levam para a escola a vivência do campo e lá transformam em possibilidades: um feito que só pode ser alcançado com o entrelaçamento de conhecimentos e saberes, de forma não hierarquizada.

“Temos que partir da sabedoria que as crianças têm, seja sobre as plantas medicinais, sobre árvores frutíferas, sobre animais. Então, passamos para as sequências didáticas dentro do currículo escolar”, explica a gestora da EC São Bartolomeu, Theodora Rodrigues.

Dos 13 anos dedicados ao magistério público do DF, Theodora aplicou os últimos cinco à gestão da EC São Bartolomeu, e até hoje se emociona ao refletir sobre o que a escola significa no curso da própria história. “Essa escola é minha vida”, diz.

Cada espaço da EC São Bartolomeu foi pensado para ser um território de aprendizagem, tendo como referência o meio ambiente. A proposta é consolidada pelo projeto Viva Verde Viva, que vem sendo implementado desde 2010, na perspectiva de consolidar a escola como do campo, no campo e para a comunidade do campo.

A horta da escola é composta por quatro triângulos que formam um quadrado. Sobre eles, plantas medicinais como boldo, hortelã, menta. As salas de aula, chamadas de salas de referência, têm nomes que dialogam com o dia a dia das crianças: Ipê, Barú, Alecrim, Sálvia. Um dos espaços de leitura fica debaixo de um abacateiro frondoso, e lá as crianças leram, inclusive, “O abacateiro bagunceiro”. Na EC São Bartolomeu, tudo é dialógico.

O trabalho de excelência da EC São Bartolomeu teve repercussão internacional. Em dezembro do ano passado, a escola recebeu representantes do governo da República Dominicana para conhecer como é a alimentação escolar no Brasil, e a unidade escolar que fica na área rural de São Sebastião foi referência. “A delegação foi a algumas propriedades produtoras dos alimentos que são distribuídos para escolas públicas e creches do DF. Depois, vieram a nossa escola para conhecer como os produtos chegam, como são organizados na despensa, como são catalogados, pesados; como é feita a cocção. Além disso, conheceram a horta da escola, que integra o projeto Viva Verde Vida, e também é referência no Brasil”, conta a gestora escolar com orgulho, e

afirma: “Essa é uma das grandes conquistas da nossa gestão.”

Theodora explica que o trabalho voltado à valorização do meio ambiente também deve atingir o objetivo do letramento, justamente para que o acesso a possibilidades, defendido pela gestora, seja viabilizado às crianças. “Aqui temos a cultura popular, que é riquíssima. Mas temos que letrar as crianças para que elas consigam, no futuro ou atualmente, fazer suas escolhas e dialogar; transpor o conhecimento da área rural para a área urbana”, diz Theodora Rodrigues.

A poucos passos da EC São Bartolomeu mora Maria Helena Soares, residente no local há 18 anos. Ela conta que suas três filhas estudaram na escola quando crianças: Gabriely, de 24 anos; Tatiely, de 20 anos; e Patriely, de 17 anos. “A escola é muito boa. Educação é tudo. Ninguém sabe nada na vida se não for com educação. É com ela que a gente aprende até o trato com as pessoas”, diz de forma tímida a mãe que colocou as três filhas da EC São Bartolomeu e, agora, aguarda ansiosamente a matrícula do neto. “É a vez do Heitor”, diz com expectativa.

Basta um passeio rápido pela EC São Bartolomeu para se encantar pelo espaço e entender o porquê do reconhecimento das famílias que a frequentam e da sociedade em geral. Entretanto, o caminho percorrido para que esse resultado fosse alcançado dependeu, sobretudo, da dedicação e do empenho da equipe escolar.

“A maioria das benfeitorias foi feita com verba de emenda parlamentar ou dinheiro do nosso bolso”, conta a gestora Theodora que, em seguida, faz feição de preocupação ao lembrar do caixa magro. “Uma impressora nossa quebrou, mas não vamos arrumar por agora. Temos R\$ 4 mil em caixa, e é um dinheiro que eu não posso gastar. Tenho

que pagar gás e deixar dinheiro para o contador, já que eu não sei se o governo vai mandar dinheiro este ano”, conta ela, preocupada com o cenário marcado por ataques antidemocráticos e o afastamento do governador do DF, Ibaneis Rocha.

Além dos empecilhos financeiros, há também os de recursos humanos, aprofundados com a estratégia de matrícula decidida arbitrariamente pela Secretaria de Educação do DF, que resultou no aumento do número de estudantes, sem que o número de professores também fosse alterado. “Quando falta professor, eu e a vice-diretora, a Francisca, que vamos substituir. Aí a gente para tudo, porque o foco é e tem que ser as crianças”, relata a gestora.

Mas Theodora não desiste de sonhar. Ela conta que agora a luta será para conseguir o terreno que fica atrás da escola. “Nossa ideia é fazer, junto com as turmas, uma composteira e um galinheiro. Vamos trabalhar metragem, trabalhar as figuras geométricas com a cerca; ver quanto custa para fazer o galinheiro. Depois, saber o que fazer com os ovos...”, planeja a gestora, com brilho no olhar.

Na EC São Bartolomeu, as crianças são ensinadas e ensinam para a vida; entendem o valor de poder escolher e de traçar o próprio destino. Não deveria ser exceção. Isso porque, no campo ou na cidade, educação pública de qualidade é um direito humano.



DA CALAMIDADE À ESPERANÇA

Leonardo Boff



Foto: Divulgação / Jacqueline Lisboc / REUTERS

Durante os quatro anos da administração do presidente Jair Bolsonaro, o país viveu afetado por todas as pragas do Egito. Das muitas opções possíveis para algum problema, o presidente geralmente escolhia a pior. Psicótico, era apático face às desgraças infligidas ao povo, particularmente aos mais vulneráveis.

O auge de seu orgasmo psicótico foi atingido quando proibiu água, vacinas e remédios aos indígenas, tidos por ele como sub-humanos. Por isso, provavelmente, deverá enfrentar um processo de genocídio, já encaminhado pelos próprios indígenas, junto ao Tribunal Penal de Crimes contra a Humanidade em Haia. Foi o presidente mais corrupto de nossa história, não só

em termos monetários, mas em termos da corrupção da mente e do coração dos brasileiros para o ódio e o desprezo.

É de todos conhecida a lista das omissões, dos crimes comuns e contra a humanidade, das violações das leis e da Constituição perpetradas por esta figura dia-bólica (que separa contrariamente a sim-bólica que une) de forma continuada e sem qualquer escrúpulo.

De passo, cabe reconhecer que a nossa democracia, por ser de baixa intensidade junto com a maioria de suas instituições, não se revelou à altura do desafio antidemocrático e antinacional para enfrentar tais desvarios. Deixemos de lado as atrocidades cometidas por este presidente, cujo nome deve constar

no livro dos crimes cometidos contra o seu próprio povo.

A gravidade do desastre produzido em todos os campos é de tal magnitude que talvez somente uma reflexão histórica e sociológica não sejam suficientes para decifrá-lo. Demanda uma indagação filosófica, coisa que tentei em alguns artigos anteriores. Utilizei-me de duas categorias, uma ocidental, a da sombra, e outra oriental a do karma, dialogando entre elas.

Talvez se faça necessária uma pequena referência aos pressupostos teóricos desta leitura: à física quântica e ao pensamento ecológico moderno nos ajudem a entender este sinistro fenômeno.

Sabemos hoje que todos os seres estão inter-retro-conectados, to-



dos estão envolvidos em redes de relações. Cada relação deixa uma marca entre os seres relacionados e assim surge uma história, a cosmogênese. Experiências dramáticas deixam marcas que, não raro, procuramos recalcar, mas que permanecem no inconsciente coletivo. Jung chama a isso de sombra.

Algo parecido ocorre com o karma. Cada ação deixa uma marca que provoca uma correspondente reação. Tanto Jung quanto o filósofo japonês Daisaku Ikeda convergem nesta acepção. Em outras palavras, não há apenas a sombra e o karma individual. Elas podem assumir um caráter coletivo presente no substrato e no inconsciente de cada povo.

Voltando ao nosso tema: somos herdeiros de uma tormentosa história de sombras: a do genocídio indígena, a colonização que nos impedia possuir um projeto próprio, a escravidão, a mais grave, que reduziu pessoas humanas a escravos, usados como animais na produção, sombra de nossa república e democracia frágeis que nunca foram incluídas, pois a conciliação das classes endinheiradas nunca fizeram um projeto nacional para todos, apenas entre elas, com a exclusão das grandes majorias de negros, pobres, indígenas e outros.

Essas sombras desumanas trabalharam no inconsciente coletivo, provocando quilombos e revoltas, todas elas exterminadas a ferro e fogo para manter as vantagens "de elite do atraso" (Jessé Souza). Elas trabalharam também no inconsciente das minorias endinheiradas, geralmente na forma de medo e insegurança.

Ao dar-se conta de que as sombras das classes humilhadas começaram a ganhar força história a ponto de terem eleito um dos seus representantes à presidência, Lula, logo foram por todos os meios rebaixadas, reprimidas, combatidas até lhe cortar o caminho por um

golpe civil-militar em 1964 de sob outra forma, repetido em 2016 com o impeachment de Dilma Rousseff. As motivações eram as mesmas: garantir o seu poder e fortunas.

Na pessoa medíocre, sem projeto pessoal nenhum e manipulável estas classes encontraram o representante ideal que precisavam. Elegeram o ex-presidente, sempre sustentado por elas, pois, com sua economia ultraneoliberal, aliada a uma política de extrema-direita, acumularam, apesar da pandemia do Covid-19, como nunca antes na história.

Fizeram de tudo para garantir-lhe a reeleição (figurativamente, fizeram-lhe comprar a arena de futebol, comprar o time, comprar gandulas, comprar o juiz, e ainda assim perderam). Há uma força maior que a maldade arquitetada.

A força kármica (abstraindo as muitas reencarnações) segundo Ikeda impregna com sua sombra a história e as instituições, positiva ou negativamente. Arnold Toynbee que entreve um longo diálogo com Ikeda, prefere outra categoria e não a kármica, ao dizer que a história carrega um próprio peso que são os fracassos e sucesso de um povo. Ele gera também uma sombra no inconsciente coletivo que se projeta nas redes sociais e conforma o destino de um povo.

Voltando ao tema em tela: com o atual governo tivemos que penar sob o peso de nossas muitas sombras sombrias que se expressavam pelo ódio, pela mentira, pelas fake news, pela distorção da realidade. Ganhou corpo na figura sinistra do ex-presidente, cuja megasombra tinha o poder de suscitar e animar a sombra coletiva de um povo já fragilizado. Criou um campo kármico ou forjou o gabinete do ódio e todas as formas de obscenidades políticas e éticas.

O destino quis que essa insensatez, cujo projeto era levar-nos ao mundo do pré-iluminismo, pois

esse promovia a escola para todos, os direitos humanos e as liberdades modernas, avanços civilizatórios, que foram sistematicamente negados pelo bolsonarismo.

O Brasil foi submetido ao seu maior desafio havido em nossa história. Foi humilhado internamente e envergonhado externamente. Mas nunca esmoreceu esperança, aquele motor interior, maior que a virtude, que nos faz nunca desistir, que nos sustenta nos enfrentamentos e nos faz levantar quando caídos.

Esse princípio-esperança nunca morre porque é ele o vigor secreto de toda vida que recusa morrer e sempre reafirma a força intrínseca da vida, nos força a rasgar caminhos novos e mundos "ainda não experimentados" (Fernando Pessoa). O esperar de Paulo Freire e a esperança esperante, que nunca desistem, sempre insistem e criam a condições histórica para que a utopia viável se torne realidade. Passamos pela prova.

A magna calamidade de Bolsonaro foi vencida pela esperança esperante de Lula. Temos esperança de que o novo presidente com a equipe de excelência que articulou, pode refazer o que foi destruído e, muito mais, abrir rumos novos, bons para nós e para o mundo, pois, pelo Brasil passará, seguramente, futuro ecológico da vida e da humanidade.



Leonardo Boff – Ecoteólogo, filósofo e escritor. Escreveu *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*, Vozes 1995/2015. Matéria publicada originalmente em <https://leonardoboff.org/>, site que recolhe artigos e a obra de Leonardo Boff.

A SAÚDE VOLTOU

Nisia Trindade

Por uma feliz coincidência começo a jornada como Ministra da Saúde, no dia 2 de janeiro, o Dia do Sanitarista, um dia consagrado a todas e todos os trabalhadores que se dedicam à saúde coletiva, com foco na promoção da qualidade de vida, esse bem maior e direito que temos que assegurar a todos. A saúde, como bem nos falou o grande sanitarista Sergio Arouca, lembrando o que postula a OMS, não é a ausência de doença, mas uma condição de bem-estar físico e mental.

Minha gestão se pautará por esse imprescindível trabalho colaborativo. Por isso, saúdo a todas e todos os Ministros e Ministras que comigo trilham esse caminho pela saúde, pela vida, pelo bem-estar da nossa sociedade. A nós caberá a execução do programa Brasil Futuro do Presidente Lula e vice Geraldo Alckmin. E como ontem foi colocado na cerimônia de posse, isso será feito no caminho da união e reconstrução (...)

São 70 anos de criação do MS, mas apenas com a criação do SUS e com o que se estabeleceu pela Constituição de 1988 podemos assegurar a saúde como direito de todos e obrigação do Estado Brasileiro. Este Ministério, então, teve a capacidade de coordenar as ações do maior sistema universal do mundo, em um país tão desigual onde o direito à saúde só se efetivou, ainda que com as dificuldades co-

nhecidas, no final do século XX! Um país em que os males do século XIX se somam os problemas do século XX e os desafios do século XXI. Um país de imensas desigualdades territoriais: onde a geografia não se separa da história. Um país que vive a transição demográfica, com o envelhecimento de sua população, mas que requer uma adequada política de cuidado e promoção da saúde da população idosa. Um país que também não cuida de forma adequada a suas crianças e jovens, especialmente, os mais pobres, os pretos, que sofrem com a violência nas favelas e periferias, vítimas de processos de violência e exclusão (...).

A integralidade na perspectiva das linhas de cuidado e redes de atenção, com reforço a capacidade resolutiva na Atenção Primária será um princípio orientador de nossa atuação. Para tanto são imprescindíveis a retomada e o fortalecimento da Política Nacional da Atenção Básica. Teremos aqui o desafio de ações emergenciais como o provimento de médicos, com a retomada do Programa Mais Médicos, ao fortalecimento da Estratégia da Saúde da Família, a retomada do financiamento aos NAFS, e olhar para as diferentes áreas que compõem a atenção básica, que representou um grande avanço para a saúde em nosso país.

O Brasil está de volta. O Ministério da Saúde (MS) e o Ministério das Relações Exteriores (MRE) são os espaços estruturantes da governança da diplomacia da saúde no governo federal, onde é imprescindível, no

campo político, coordenar as posições para a participação coerente do Brasil nos diversos espaços políticos globais, regionais e sub-regionais antes mencionados, e em muitos outros, nos quais a saúde está presente. Outra dimensão essencial na diplomacia da saúde é a cooperação internacional.

No campo político, a orientação é recuperar o protagonismo do Brasil no espaço da saúde global e regional, valendo-se dos princípios da construção de soluções comuns, da solidariedade internacional e da equidade na saúde.

No Brasil, a parte da população que não participa dos benefícios do desenvolvimento é tão grande que este passa a ser um dos principais problemas, senão o prioritário, de quem governa o Brasil. Esta exclusão tem gênero, raça, classe social, estigma e os sinais para lutar por sua superação foram dados ontem. Não é possível separar a saúde do universo dos direitos da cidadania.

São essas convicções que nos animam. É também a força de coletivos tão vigorosos que nos apontam caminhos. Como dizia Riobaldo, em Grande Sertão Veredas: o que a vida quer da gente é coragem.

Recorro também a uma de minhas poetisas preferidas Cecília Meireles para dizer que a vida só é possível reinventada. Saúde não é ausência de doenças; saúde é bem viver. E é este sentido positivo da saúde que procurarei realizar nesse momento histórico precioso de união e reconstrução do Brasil.



Nisia Trindade - Cientista Social, socióloga, professora, ex-presidenta da Fundação Osvaldo Cruz, Ministra da Saúde. Excertos do seu discurso na cerimônia de posse como Ministra de Estado, em 2 de janeiro de 2023, editado por limitações de espaço. Confira o texto na íntegra em: <https://www.gov.br/>





Foto: Ricardo Stuckert



NÓS, MULHERES, VOLTAMOS

Cida Gonçalves

**Seu comando será como de uma capitã,
nos guiando contra o machismo e a misoginia.**

Janja Lula

Pela primeira vez, teremos uma área no governo dedicada às mulheres com a nomenclatura de Ministério (...) Agradeço às mulheres, que são 52% neste país, e que foram as grandes responsáveis pela eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e por encerrar um governo machista, patriarcal, misógeno, racista e homofóbico (...).

No governo anterior, passou a ser chamado de Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Foi uma usurpação, pois não cuidou das mulheres, das famílias nem dos direitos humanos. Muito pelo contrário. A destruição dos direitos das mulheres no último governo não foi um acaso, mas um projeto. Um projeto político de invisibilização e sujeição da mulher (...).

As mulheres são a maioria da população brasileira e do eleitorado, no entanto, ainda estão sub-representadas nos espaços de poder. A Câmara, apesar do maior número de deputadas eleitas neste pleito, tem somente 17,7% de mulheres.

No Senado, as mulheres também são cerca de 17%. A violência política de gênero interdita o avanço das mulheres na ocupação desses espaços, e a desigualdade não se limita aos cargos eletivos. Entre os servidores públicos ativos, as mulheres são cerca de 40%, mas, nos cargos de direção e chefia (DAS 5 e 6), não chegam a 26%.

A família, no singular, apaga a diversidade brasileira e a centralidade da mulher enquanto foco da elaboração e implementação das políticas. Há famílias, plurais e no

plural. Este é um ministério que as reconhece e acolhe (...).

Este será o Ministério de todas as mulheres. As que votaram e as que não votaram conosco. E das diversas mulheres que compõem a nossa sociedade. Negras, brancas, indígenas, LGBTQIA+, as do campo, da cidade e das águas. Será um Ministério de todas, e com um norte muito definido. Faremos a defesa radical da garantia dos direitos das mulheres.



Cida Gonçalves - Publicitária, feminista, consultora em políticas públicas de gênero, Ministra das Mulheres. Excertos do seu discurso na cerimônia de posse como Ministra de Estado, em 3 de janeiro de 2023, editado por limitações de espaço. Confira o texto na íntegra em: <https://www.gov.br/>

RECONSTRUÇÃO

TÁ PINTANDO UM NOVO BRASIL



E ESPERANÇA

2023



Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br

Brasil



Filada a





XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VEN COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **360**^{,00}
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **600**^{,00}
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

